ornal das Moças

ANNO III — NUM. 55 400 RS.

SENHORITA MARIA JOSÉ DIAS — CORITIBA

SOBRE O ISIS VITALIN

Os srs. Richard, Hermann & Co. fabricantes do preparado «Isis-Vitalin», pediram-me lhes enviasse as impressões que colhi, com a administração deste medicamento. Devo confessar que o acolhera com a desconfiança de que se acham possuidos todos os medicos, ao deparar com mais um preparado a juntar-se aos milhares existentes e que quasi todos curam fatalmente um numero maior ou menor de molestias, sem curar nenhuma, a não ser por acaso, quando a «naturae-vix-medicatrix» o substitue ou corrige... Convenci-me, entretanto, de que não era justo generalisar este máo conceito ao Isis-Vitalin que realmente é um preparado «serio», si me permittirem esta expressão.

Usei-o, em principio, sómente nos casos de impaludismo e ankylostomiase em que a quinina e o thynol jà tivessem representado o seu papel saneador; ahi foram excellentes os resultados, contribuindo o Isis-Vitalin para o combate rapido à anemia, Verdade é que outros hematogenos tambem produziriam este resultado, mas jà era alguma cousa reconhecer no Isis-Vitalin reaes propriedades hematogenicas. Notei, além disto, que muitos convalescentes o preferiam às pilulas, aos xaropes e aos vinhos com que de habito se tratavam.

Todos nós sabemos como influe o acondicionamento do remedio na sympathia dos doentes; o Isis-Vitalin, tambem neste sentido, é perfeito: o frasco é de formato elegante, o rotulo asseiado e artisttco. Contribue tambem poderosameute, para a preferencia que o Isis-Vitalin impõe, o seu sabor muitissimo agradavel. Não ha creança que não aprecie a limonada de Isis-Vitalin. São attributos que concorrem bastante para a boa acceitação de um medicamento e, digamos mesmo, para a sua efficacia. A ausencia de repugnancia, o prazer com que os enfermos o tomam, jà constituem uma das condições de successo.

Encorajado com os bons resultados obtidos no tratamento da maleria e da ankylostomiase, comecei a empregar o Isis-Vitalin em outros casos. Nas dysmenorrhèas, mormente das mocinhas anemiadas, physicalmente mal educadas, o Isis-Vitalin é recommendavel; egualmente o é nos achaques periodicos irregulares ou em caso que se liguem ao estado geral ou mesmo nos que dependam de affecções locaes, nestas como adjuvante, emfim, nas perturbações das senhoras, quando seja indicada a tonificaçao do organismo.

Parece-me porém, que na therapeutica infantil é que os fabricantes do Isis-Vitalin colhem os seus lucros mais virentes; nella o Isis-Vitalin vem preencher uma lacuna, não resta duvida. Dada a difficuldade com que as creanças acceitam os medicamentos, é realmente um prazer vêl-as saborear o Isis. Sempre que haja indicação, receito de preferencia o Isis-Vitalin às creanças e tenho obtido os melhores resultados. E as indicações são numerosas, em nosso paiz. em que as creanças são, em geral, pallidas e fracas. Um tonico henatogenico desprovido de alcool, doce de tomar, sem effeitos constipantes, tolerado perfeitamente pelo estomago, é indubitavelmente uma boa conquista therapeutica, cujo uso deve ser generalisado.

Tambem nas convalescenças de molestias depauperantes, o Isis-Vitalin preenche bem as indicações, jà não falando no impaludismo e na ankylostoniase em que os resultados são excellentes. Assim na febre typhoide em que é necessaria grande prudencia na administração de medicamentos reconstituintes, o Isis-Vitalin dà resultados muito bons.

Itajahy, Maio de 1916

Dr. Norberto Bachmann, medico

GANHAR DINHEIRO

Gratis ao magazine do dinheiro!

Tendes algum desejo que apezar de vosso esforço não conseguis realizar? Sois infeliz em vossa familia, ou em commercio? Precisaes descobrir alguma coisa que vos preoccupa? Fazer voltar para vossa companhia alguem que se tenha separado? Curar vicio ds bebida, jogo, sensualismo, ou alguma molestia? Destruir algum maleficio? Recuperar algum objecto que vos tenham roubado? Alcançar bom emprego ou negocio? Fazer casamento vantajoso? Revigorar a potencia? Augmentar a vista ou memoria? Adivinhar numeros da sorte? Attrair abundancia de dinheiro? Empregue os ACCUMULADORES MENTAES NUMEROS 5 e 6. Nada têm de feitiçaria ou contrario á religião. E' uma descoberta da influencia, occulta da propria vontade, para dar ao magnetismo da vontade o potencial realisador, tal como o auxilio da luneta em relação á vista, ou como o phonographo qne falla por causa da voz que nelle foi gravada, como a da saturação da vontade nos Accumuladores!

Todo o dinheiro que se gasta com os Accumuladores recupera-se logo com grande lucro! Numerosos attestados favoraveis estão nos nossos 30 magazines. Sempre deram resultado e são por nós vendidos desde ha quinze annos! Contra factos não ha argumentos! Um Accumulador sósinho dá resultado: más os dois (ns. 5 e 6), quando estão reunidos em poder da mesma pessoa, servem tambem para hypnotisar ou magnetizar, curar só com a mão ou em distancia, em fim, são muito mais efficazes para qualquer fim. PREÇO DE CADA UM, 33$000.

Si não puderdes comprar já os Accumuladores, comprae o **Hypnotismo Afortunante**, com o qual obtereis muitas coisas, e que custa apenas 10$000. Federação Theozofica, 5$000.

Os pedidos de fóra devem ser enviados com as importancias em vale postal ou carta de valor registrada a— LAWRENCE & C., rua da Assembléa n. 45. Rio de Janeiro. Dá-se gratis o **Magazine do Dinheiro**.

Avisa-se que os ACCUMULADORES MENTAES são marca registrada e privilegio da nossa casa, e que nada têm de parecido com os intitulados receptores, talismans, pedras de ceva, um pedacinho de ferro imantado sem valor, ou medalhinhas de santos, visto que sem serem iman, nem aço, ferro ou corpo magnetizavel podem, entretanto, fazer mover em distancia a agulha de uma bussola. O simples uso dos ACCUMULADORES torna desnecessarios os trabalhos de feitiçaria ou cartomancia.

JORNAL DAS MOÇAS

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS. { ANNO ...... Rs. 18$000
SEMESTRE . » 10$000

Redacção e Administração «AGENCIA COSMOS», Rua da Assembléa 63 —Telephone 5801 Central
Caixa Postal 421.
Não serão restituidos originaes enviados á Redacção

CHRONICA

A America está na imminencia de ser tambem envolvida pelo sopro de insania que, ha dous annos, saccode o velho mundo.

De facto, a questão entre os Estados Unidos e o Mexico ameaça arrastar os dous paizes a uma luta armada, tanto mais para temer quando se considere a desigualdade entre os contendores, um dos quaes, mais fraco, ainda tem a sua precaria situação agravada por um longo periodo de fundas e sanguinolentas dissenções intestinas.

Mas, não vamos aqui discertar sobre a guerra possivel entre as duas republicas da America Septentrional.O nosso objectivo é outro. E' o de assignalar um dos aspectos, o unico que, no momento, nos interessa, desse conflicto provocado pel banditismo que assola a antiga patria dos Astecas.

Refere um telegramma que, no Mexico, a grande maioria da população deseja a guerra com os Estados Unidos.

De todos os pontos partem offerecimentos de forças ao velho caudilho detentor do poder. Até os indios dos mais longinquos Estados querem prestar o seu concurso; até os bandoleiros de Pancho y Villa esquecem os seus odios e as suas esperanças de maiores rapinagens para se collocarem ao lado das tropas carranzistas. Emquanto isso, na capital, um grupo de mulheres mexicanas, intellectuaes, trabalha ardentemente pela paz.

E' um esforço isolado; é uma excepção no sentimento geral do paiz; é uma reacção contra a loucura collectiva. E, sobretudo, é uma attitude que sorprehende, que espanta e que conforta.

Realmente, os tempos que correm, ao par das desgraças inenarraveis que trazem, permittem que se colha ao menos um beneficio, o de verificar, emfim, que a mulher é capaz de exercer, dentro das sociedades, uma acção eminentemente reparadora,justa e salutar.

Precisamente quando os homens, repudiando todas as bellas conquistas da paz, que são as que conduzem a humanidade ao polo ideal para o qual incessantemente, caminha, regressam á selvageria dos preconceitos guerreiros e afundam o mundo em uma noite de luto e de horror, que está custando a passar, é que as mulheres, cujos corações sangram da dor diante do tremendo cataclysma, fazem ouvir a sua voz, exorando os povos a que cessem a carnificina em que se exterminam.

A America está prestes a soffrer o contagio da doença maldita em que se contorcem as suas antigas metropoles. Ainda a pouco tempo um estadista americano, que de um alto posto de governo pretendia fazer o mais santo dos apostolados actuaes, que é o da paz, proclamava que ao continente colombiano reservara o destino da gloria, sobre todas as outras apreciavel, de ser, na historia do seculo vinte, o Continente da Paz. Parece que o sonho vae desfazer-se.

Mas, se isso não acontecer, si a febre guerreira que perturba o pensamento dos homens do Mexico e que incandesce a ambição dos politicos yankéas não produzir os nefastos resultados previstos, não seria justo que ficasse sem um registro especial o gesto das mulheres mexicanas.

Ellas estão sendo as verdadeiras defensoras dos mais altos interesses da sua patria, cansada de guerra civis e para a qual a guerra externa seria, talvez, o anniquillamento irremediavel. E estão servindo, principalmente, os mais sagrados interesses da humanidade, que anceia pela paz e que soffre com a perspectiva de novas lutas entre os homens.

Na Europa, as mulheres, já que não lhes foi possivel evitar a guerra, substituem os homens nos campos da actividade industrial, contribuindo, dest'arte, para que as sociedades não pereçam pela desorganisação e pela paralyzação de todo o trabalho. Na America, as mulheres vão mais longe. Insurgem-se contra a guerra e procuram impedil-a, em uma attitude corajosa e salvadora. Abençoadas as mulheres da America !

M. R.

Confidencia...

— Sim! Eu amei e fui amada, como raras vezes se ama e se é amada!

Era «ella» quem fallava assim.

Eu, escutava-a attenta, fitando a immensidade que se estendia diante de nós...

— Conta-me isto, murmurei depois de um curto silencio.

— O amor vem, e quasi não se sabe como elle vem. E' uma força poderosa que a sympathia impelle, e quando menos se espera, nos braços um do outro, um beijo une duas almas.

Este nosso amor durou apenas mezes, durou o tempo de um sonho, a vida de uma rosa. Foi um amor completo, e si se acabou, foi por minha culpa, e isto é o que mais mal me fez! Pensar que ainda hoje eu poderia ser a creatura a mais feliz do mundo, a dttosa de então, e não mais o sêr, «por minha culpa»!...

Era uma fervorosa adoração que nos prendia um ao outro... O mundo nem ninguem existia mais para nós... Era o esquecimento completo de tudo na mais absoluta embriaguez, e hoje, por minha culpa, está tudo acabado!

Nunca mais elle virá, devido á seu genio altivo. Poderá amar ainda, poderá soffrer muito, mas não dará o braço a torcer. Vês? Só em te fallar nelle, só em lembrar aquella phrase tão curta, sinto-me doente de saudades!

— Continúa, disse eu baixinho...

— Que queres que te diga mais?... Fui leviana, faceira com um outro, e elle soube.. não perdoôu! Hoje, que este sonho vivido se desmanchou, eu, que só tinha amor á elle, eu que não posso esperar mais o seu perdão, não sei como vivo!

Depois de um pequeno silencio durante o qual somente se ouviu o ruido das folhas das arvores que o vento entrechocava, ella continuou:

— Parece-me sentir as palpitações de seus beijos sobre as minhas mãos... Parece-me sentir sobre meu peito, aconchegada ao meu coração sua alourada cabeça... Chego até a sentir o perfume de incenso, que seus cabellos, não sei porque desprendiam!... Ah! como eu o amo ainda! E não posso esquecêl-o! Elle está em mim como uma obcessão... A sua lembrança está em mim qual borboleta, n'um bater d'azas incessante, sugando o mel de todas as minhas energias... Não posso mais! Soffro, e não posso deixar de amal-o, de sentil-o, de querel-o! Estendo meus braços no vasio, chamo-o! O seu nome é curto como um suspiro... estremece no final de uma carta, e meus beijos já quasi o apagaram alli!...

A mulher, nunca deve ser infiel, nunca! Nós perdoamos mais facilmente; elles não sabem perdoar! E a minha vida hoje faz-me a impressão de alguma cousa que não póde sêr!

Nada encontrei para dizer-lhe, comprehendendo a sua dôr deixei o silencio completar a expressão d'aquella dolorosa confidencia...

Quando nos levantámos d'alli, já era noite, e o vento, batendo nas arvores, entrechocava as folhas...

Como era triste aquillo tudo!

MARGARIDA.

Alma desperta!...

2 de Julho

Que eponéa!...

— Um anno faz que de amor o meu coração cantou a ti a eterna ballada da juventude!

O pobrecito saltitava num fremito indomavel, e na volupia de um desejo febril, não encontrava calma dentro do peito. Ah! meu louco desvaneio!...

De sonho em sonho, formei-te feito do mais puro affecto!

No emtanto hoje... Para que não confessar que tal como delicada florzinha que da haste fôra arrebatada pela rajada de um tufão, semi-morta, permanecendo após o vendaval à mercê da intemperie — o meu coração no sacrario de minh'alma permanece moribundo em haustos ingerindo uma forçada e brusca metamorphose!

Para que não dizer que a minha imaginação sob o influxo fulgurante do teu amor, deste amor que julguei imperecivel, burilou a sinceridade dos seus lances sobre o palamquim de um caracter nobre!

Mas, oh, engano cruel!...

Bem cedo o meu ideal deshabitou as regiões dessa phantasia sublime, e numa quéda imprevista submergiu no oceano revolto da Desillusão!

Assim tacteando ao revéz do Destino o meu pensamento lucta de encontro aos obstaculos da sensibilidade de minh'alma, e deixa-se vencer pouco a pouco pela serenidade absoluta da Altivez.

Que mais poderias almejar?

Não quiseste comprehender a intenção da captivante solicitude com que o meu carinho cercava o teu eloquente e lisongeiro amor.

Paciencia.

Ouve-me: quando chegares ao fim da tua mocidade e nas reminiscencias do passado feliz empregares os teus momentos de profunda meditação, recorda-te de que houve no percurso da tua existencia aventureira, um coração de mulher, que, a tua ingratidão despojando-o do germem do amor por ti inoculado, deixou-o marchetado de rubras saudades.

SANTINHA (H. F. SERPA)

Rio—1916.

O meu ultimo desejo

Quando meu peito findar
Não que, o choro nem pranto
Nem flores no meu caixão
Nem missas, nem cantuxão
Porque não mereço tanto.

Ponham velando meu corpo
Um tôco de vela acêsa.
Despenso ornatos de gala
Quero alegria na sala;
Emquanto estiver sobre a mesa.

Para o meu enterramento,
Não façam banaes convites.
Não quero que usem luto.
Pois morrendo o corpo bruto
Fica a alma em seus limites.

Não quero galão no esquife,
Não me vistam roupa nova,
Não me cubram o semblante.
Uma tunica é bastante
Para eu levar p'ra cova.

Ao porme na sepultura
Descubram logo meu peito.
Ponham me terra no rosto
P'ra que me coma com gosto
Por que lhe deva esse preito.

A terra d'onde provenho
Quero prestar beneficio
Se della gosei mercê
Nem que meu corpo lhe dê;
Não e grande sacrificio.

Quero sepultura rasa
P'ra meu corpo descançar.
Quero uma cruz de madeira,
Aos pés ou a cabeçeira
Ao lado, ou em qualquer lugar.

Em qualquer parte da terra
Onde meu corpo encontrar;
Satisfaçam meu pedido.
(Salvo se tiver morrido
em qualquer parte do mar).

Então serei mais ditoso.
Terei espumas por manto
Por cortejo as sereas,
E por mortalha as areias,
E o mar por campo santo.

Vaidades risos, ou prantos
A morte tudo encerra,
Leva os praseres, as maguas,
Seja pr'o ventre das aguas;
Seja p'ro ventre da terra.

Ahi: as formas esbeltas
Que gôsarem mil facetos;
Despem as vestes profanas,
E trocam carnes humanas,
Por horriveis esqueletos.

Uns apóz outros vão todos
Desd'o crente ao atheu
Desde Paolo a Abistino,
Desd'o justo ao libertino;
Desd'o christão ao judeu.

ANTUNES SOBRINHO

Junho de 1916

TAÇA DO JORNAL DAS MOÇAS

Premios ás tres concorrentes que obtiverem maior numero de pontos

—

Resultado, incluindo a ultima corrida realisada em 2 de Julho.

N.	NOMES	PONTOS
1	**Dylia**	67
2	**Inubia**	60
3	**Colibri**	57
4	Saudades	56
5	Nadir	55
6	Daisy	54
7	Odylla Briani	54
8	Natercia H. Guimarães	53
9	Tentaçãozinha	51
10	Radamesita	51
11	Jenny de Carvalho	50
12	Rosa Branca	49
13	Lucilla Briani	49
14	Glorinha	45
15	Ruth	45
16	Fidalga	40
17	Carmem Rosales Arêas	38
18	Maria S. Lima	35
19	ChristinaG. da Costa	34
10	Ninette	26
21	Ormond	24

* * *

Attenção

Para que possa haver a melhor fiscalisação possivel por parte das interessadas neste concurso, avisamos que d'ora avante os palpites deverão ser entregues na nossa redacção nas sextas-feiras, até ás 6 horas da tarde, impreterivelmente, e no caso de corridas extraordinarias, um dia antes de cada reunião turfista.

* * *

Taça Jornal das Moças

CONCURSO HIPPICO

Carta aberta

A CECILIA (CECY)

Bôa amiguinha!

Raiava Dezembro de 1914... quando um dia eu tive o prazer infinito, mixto de luz, de riso e de esperança—de ver o Huber, (assim denominarei o teu visinho), ó se tu o visses! Como era lindo! Tinha no olhar tanta doçura, no falar tanto carinho, que em breve senti-me presa á aquella creatura que não conhecia ainda, e que por um simples accaso nos achamos reunidos no pittoresco jardim de uma priminha.

Amei-o com todas as forças de minh'alma... e... quero crêr que tambem fôra amada. Senti, juro-te, mais doce e amena deslizar a minha vida...

Tudo era um sonho de oiro!

Assim neste magico poema, todo de flôres, risos e amores, decorreram-se os dias, mezes... até que um anno passou sem notarmos.

Mas, após a alegria vem o pranto!

E numa tarde fria, a Dôr veio cobrir-me com o seu manto...

— Perdôa agora o que aqui te digo... que parece ser phantastico, mas que não é, e sim pura realidade.

Soube pelo proprio Huber que para perto d'elle tinha vindo morar uma menina formosa dessa formosura das virgens de Murillo que tinha o olhar cheio de candura, o sorrir de santa, emfim, era encantadora a futura visinha.

Desde este dia, custa-me dizel-o: o Huber, que dantes era meigo, carinhoso, tornou-se taciturno, indifferente, passou a tratar-me como se fosse uma simples conhecida, não me sorria mais... emfim, por uma metamorphose completa passou aquella creatura, tão bôa, tão obediente, agora, tão má e tão sarcastica!

Uma outra já lhe preoccupava o espirito, todo o seu amor para ella, toda a sua vida para aquella menina, que de tão longe se approximou para seu coração. E, esta joven, que me trouxe o calice da Dôr, es tú, sómente tu, meiga Cecy!...

De certo amas a outro, a elle, ao pobre Huber, não lhe dedicas uma particula deste sentimento sublime, que nos transporta ao Reino dos Céos!

Porque, então, o olhas como se quizesses dizel-o pelo olhar, que o amas, que o adoras?!...

Abandona o Huber, que isto te será facil, pois a mim é impossivel! Como olvidal-o, se sem elle, eu preferira a Morte? Eu te supplico, sê bôa, esquece-o, esquece-o!... Eu te imploro, crente em teu magno coração, que não mais o olharás, não é só para mim que vaes fazer este «sacrificio», é para a felicidade de dois entes que nasceram para a vida e para o amor!

Em breve partirás para Petropolis, e elle não te seguirá por certo, eu t'o afianço! Para que, então continuar a amal-o, sem Esperança?

Se não me fizeres este beneficio, Cecy, arrepender-te-ás breve. Porque verás que pelo teu capricho uma creatura outr'ora forte, alegre e satisfeita, se transformará em nervosa, doente, de olhos languidos e faces de neve, amando o isolamento, exhausta e vencida, irá fenecer como murcha o lyrio.

Cecy, terminando, eu renovo o pedido que te fiz: esquece o Huber, que eu resarei toda a minha vida, para que encontres um coração capaz de comprehender as sublimes virtudes de teu coração e amar-te sinceramente.

Adeus! Adeus!... Adeus.

Nictheroy, 29—5—1916.

LITA.

Cartas de amor

Ao sempre querido

OSCAR D'ARTAGNAM

Outr'ora os meus sonhos eram todos de felicidade, pensava n'um futuro risonho, hoje... que transformação!...

Todas as esperanças desappareceram, sumiu-se o amor e... surgiu a realidade... a realidade que ha muito previa.

Oh! ingrato, ousarás negar que amas a outra... a qual consagras um vehemente e terno amor?!...

Ousarás negar que me illudiste?!...

Oh! não; pois as provas são claras e a indifferença que tentas disfarçar o revelam lucidamente...

Meu Deus! o que ainda faço em gastar palavras com quem as não merece?...

Que mais desejo saber, pois se de tudo estou sciente?... A hypocresia já conheci!... A trahição sei-a!... O que merece este ente?...

O despreso!

O que castiga a ingratidão?...

O abandono!

Eis o que faço.

Supplico-te que não te recordes d'aquella que por ti tanto soffreu e que loucamente acreditou nas tuas falsas expressões de amor?...

Adeus para sempre ingrato!...

A DESPRESADA.

O NOIVADO DE HELENA

Quando atravessava uma das salas ouvio que o chamavam:

— Meu caro poeta!

Parou e sorrio, enternecido. Estava diante do commendador Faria, Rodrigo de Faria, natural de Traz dos Montes, vindo para o Brazil aos 13 annos de idade e que, aos 53 annos, vivia dos seus largos rendimentos, louvadamente ganhos a esfolar a pelle alheia, como agiota.

Uma commenda portugueza, um palacete em S. Christovão, uma familia constituida por tres meninas timidas e acanhadas e um rapaz esturdio e, finalmente, alguns devedores bem collocados, que, em troca de letras eternamente renovadas o toleravam em suas casas, nos dias de festa, davam ao commendador, desde a sua viuvez, a impressão de que a vida era agradavel... Rodrigo de Faria fora casado com uma senhora de máo genio e que cedo se finára, deixando-lhe o encargo de crear quatro pimpolhos barulhentos e insubordinados e de poder aconselhar, dahi em diante, a todos os seus amigos solleiros:

— Nunca se casem. E' uma espiga!

Claudio abraçou o commendador.

— Ha muito que não o via, doutor! Porque não apparece?

— Pretendia procural-o, mesmo por causa daquella promissoriasinha...

— Ora, não se fala nisso. Sabe que o admiro. O doutor é um grande poeta. Aprecio muito os seus versos. Ainda ha dias deliciei-me com aquella poesia que pubblicou em seu jornal, sobre as «Filhas de Maria». Que inspiração! Francamente, quasi chorei.

Claudio, constrangido, apezar de ser sensivel aos elogios, mas por verificar que perto, em um grupo troçavam o enthusiasmo do commendador, encaminhou a conversa para outro assumpto.

— Então, porque não trouxe as senhoritas? São encantadoras.

— Sim, lá isso são. Posso gabar-me de que sahiram ao pae. São intelligentes e bonitas. Mas eu cá entendo que as raparigas tem o seu logar em casa. Quando se casarem, sim. Os maridos que as governem como quizerem. Emquanto viverem commigo, é nesse regimem. Nada de bailaricos. Isso é bom só para os homens e para a gente da alta roda. Claudio que cultivava Ohnet com furor, atalhou a azuella do commendador.

— O senhor é como Moulinet. Tudo, na sua pessoa, protesta contra a humildade do seu nascimento. Foi lamentavel que a Monarchia tivesse cahido. Si não já o teriamos barão. Que pena!

— Conde, senhor doutor. Conde é que eu queria. E já estava me preparando para isso quando veio o 5 de outubro. Felizmente, já havia apanhado a commenda!

— Pois teria sido uma linda cousa. O senhor Conde Rodrigo! Como soaria bem!

Mas o commendador já não lhe dava attenção ás ironias. Correra, presurosamente, a cumprimentar o general. E estavam ambos empenhados em demolir a reputação de varios convivas que passavam ao alcance das suas linguas viperinas, quando o general não se conteve:

— Aquelles, sim, é que formam um lindo par. Eram Helena e Fernando. Ainda não haviam conseguido livrar-se um instante siquer dos cumprimentos massantes com que, desde o inicio da «soirée», os assediavam todos os convivas.

A indiscrição partira da Zaira. Fora ella quem espalhara desde manhã que estavam noivos. De facto, Fernando sorprehendera o commendador Lacerda com o pedido de cazamento. O commendador, que ignorava completamente aquelle suave idylio, foi ouvir a filha, atarantada. Esta acabou por confessar que a iniciativa de Fernando, embora inesperada, vinha ao encontro dos seus mais intimos desejos.

E assim, prosaicamente, iniciara o seu noivado.

Agora, á noite, passeava com orgulho pelo braço de Fernando. Muitos olhares invejosos a acompanhavam.

Ella não os percebia. Estava absorvida pelo encanto do noivo. Não se cansava de admiral-o.

O general, cuja indiscrição não tinha limites deteve-os.

— Quando são os doces? Que surpreza, menina. Não si deve fazer isso a um velho amigo da familia. «Não penso nisso». Lembra-se quando disse essa mentira? Já estava cahidinha, heim?

E dirigindo-se a Fernando:

— Voce, seu maganão, é que tira a sorte grande. Fique sabendo que Helena e minha filha são as creaturas mais lindas e mais ajuizadas que conheço. E quaes são esses planos de vida? Já tem programma?

Fernando, indignado com a indescrição, esboçou um gesto vago.

— Não sei. Ainda não pensei. Mas creio que vamos para o estrangeiro. Terei uma commissão importante.

— Ah! sim? Europa, não é?

— Um poucochinho mais longe. Parece que vou para o Afganisthau ensinar maneiras de gente ao emir.

E rindo do despontamento do general foram ambos para outra sala, mais distante e menos rumorosa, onde pudessem esconder da curiosidade impertinente a sua transbordante alegria.

(Continúa)

Ultimo beijo

(CONCLUSÃO)

Ainda no Hospital: no Necroterio.

Em quatro brandões, os cirios, piedosos, illuminam, trementes, os restos da que alli jaz sobre o caixão, entre flores, tão linda, toda vestida de Senhora das Dôres e guardando nos rôxos labios um meigo sorriso, o qual lhe dava a expressão de que a dormir estivesse sob as suggestões de um bello sonho...

Flores e grinaldas, espalhadas aqui e alli, pelas paredes, parecem, na confusão de seus matizes, sorrir tristemente e compartilhar da magua geral.

Um Christo de prata, entre as mãos postas da morta, relembra aos crentes o seu martyrio pelo amor á Humanidade.

Os cirios ardem pela noite a dentro, bruxoleantes, e a cêra que vertem semelham lagrimas...

A Tristeza impéra. O Luto invade todas as almas. E nesse estado todos fazem a sua vigilia, até o romper do dia, até o momento da conducção do corpo para a necropole.

....

No cemiterio.

O caixão é depositado sobre a mesa a elle destinado, na nave da capella.

Alguns crentes ajoelham-se ante as imagens santas do logar e a ellas enviam as suas orações.

Regularisadas as praxes do estylo, o caixão é aberto e mais uma vez, aos olhos de todos, apparece a morta, com o seu terno sorriso a illuminar-lhe o rosto e linda, muito linda, sob aquelle habito da Virgem das Dôres...

O esposo, desolado, alheiado ao que o cerca, não acreditando ainda naquella cruel separação, approxima-se do cadaver, contempla-o por segundos, e após aos soluços, sobre elle se debruça... Acaricia-lhe os cabellos, quer fallar e não póde! E então, no rosto palido e macerado da esposa querida, deixa estampado um osculo: o ultimo beijo dado a quem na vida, tantos, tantos beijos delle recebêra!...

As despedidas, estavam feitas...

O caixão fechado e conduzido ao tumulo.

Os coveiros, indifferentes, encerram-n'o na urna de alvenaria e depois, manejando as pesadas pás, com ellas vão despejando a terra. Dahi a instantes está prompto o trabalho. Mais uma sepultura conta o cemiterio... Para a materia está tudo findo!

....

Hoje é um canteiro em flor aquelle tumulo.

Rosas, cravos, saudades e outras flores alli vicejam cultivadas pelas piedosas mãos da desolada mãe, que tem sempre uma lagrima para orvalhal-as.

Uma cruz, symbolo da Fé, em marmore immaculado, aponta, modesta, o nome de quem alli dorme o derradeiro somno, coberta de flores...

Proximo, uma enorme palmeira agita seus leques aos beijos da viração, e feliz em receber os segredos que a brisa lhe douta no seu perpassar continuo.

Esguios cyprestes, alinhados em ruas, abrigam sempre, entre es suas ramagens, alegre passarada, que num canto unisono derramam gorgeios e mais gorgeios...

Até parece que o que canta não são os passaros e sim os cyprestes, numa oração a Deus...

....

Flôres! Lagrimas! Saudades!...

Tudo, tudo o inconsolavel viuvo, vem carpindo desde o momento fatal da sua separação, sentindo ainda, em seus labios, o dulcifico sabor dos beijos que recebera da sua amorosa e terna companheira.

Tudo elle concretisa na prece sincera e ungido de Fé, com o coração guardando inesqueciveis lembranças, constantemente a Deus roga pelo espirito que tão caro lhe foi na vida terrena e que no ultimo beijo lhe deixou a mais os desejos, as ancias de uma outra união mais venturosa: — a da Eternidade...

Rio.

FRANCISCO PINTO.

VESTIDOS ELEGANTES

Tres vestidos elegantissimos para serem confeccionados em seda, taffetá e casemira

AMOR

Dizem que amar é o mesmo que refrescar a alma no halito enebriante da primavera, é sentir na imaginação a sombra infinita de uma divindade; mas se assim é, que doçura posso encontrar na terra si nunca amei ? !

— Entretanto, procuro na confusão das cousas abstractas e do amor, no meio das conjecturas elevar um pensamento sofregante ao jardim das flôres diafanas, á vêz se reverbera em minh'alma, o sentimento amor.

— Mas é impossivel; as manchas negras da duvida atormentam-me a imaginação e o mysterio do amôr, não consigo obter.

— Não sei si a minha organisação é amortecida pela verdade, pois no torvelinho da belleza, não vejo brilhar em um intimo o sagrado sentimento ao amor.

— Creio que sou uma creatura, sem vontade.

— Certa occasião, eu caminhava por entre a indifferença, quando um sopro da alma osculou-me a fronte dizendo : — chegará o dia em que a força da natureza, abrandar-te-á o orgulho do pensamento; mas não passae a unica, ante uns olhos, a "Belleza" que conquistasse um coração.

—- Agrada-me architectar o amôr da humanidade por elle, dlviso a mão Creadora ultra potento, que une dois corações; então, predomina na minha imaginação o ciume, e não a inveja; pois quizera fruir e experimentar as violentas contrações que dizem ter elle.

—- Na anciedade, a que me parte do intimo, não o encontro, e cravo resolutamente na imaginação o sentimento da Philantropia.

—- Apraz-me só gozar ! . . .

HERMETO FERNANDES DE CASTRO.

Espelho com aplicações de cobre

A decoração d'este bonito espelho compõe-se de duas partes: uma em cima representando passaros, bagas, folhagem e um cabochon; outra em baixo em bagas; folhagem e dois cabochons.

Entre os dois motivos é colocado sobre a madeira da moldura couro liso ou marroquim verde.

O trabalho no cobre é feito com os mesmos ferros com que se faz o estanho repousé; o processo de trabalhar bem é o mesmo.

A patine do estanho não actua sobre o cobre, pelo que se empregam uns outros ingredientes, sendo o mais usado o que tem o nome de «Platine vert». O desenho passa-se para o cobre segurando o papel do debuxo com alfinetes grossos aos cantos: coloca-se o cobre sobre a placa de borracha e com o traçadôr finca-se todo o desenho fazendo a pressão suficiente para que o traço fique fincado nitidamente. Depois d'isto feito, solta-se o papel, já desnecessario, e começa-se o repoussé fazendo primeiro o segundo traço para o que se vira o cobre com o avêsso para o lado de cima; assenta-se sobre a borracha e com o mesmo tracadôr se finca um segundo traço á distancia de dois milimetros do contorno, isto na folhagem, nos traços, nos bicos dos passaros, bem como nas azas e caudas dos mesmos. Vira-se agora do direito e ainda com o traçadôr, e colocando o cobre a meza, seguindo outra vez sobre o vinco do contorno, abaixa-se o fundo em volta dos motivos em relêvo. Novamente se vira do avêsso e se assenta sobre a borracha para com a «bola oval» se fazer o relêvo no peito das aves, nas azas e caudas seguido com o ferro sempre no sentido do correr das pernas. Nas partes mais estreitas, onde não caiba a bola, emprega-se o traçador. Para fazer o relevo das folhas usa-se do mesmo ferro fazendo-o correr no sentido dos veios. Nos troncos e hastes emprega-se o traçador. As bagas são feitas com a «bola redonda». Depois do repoussé feito torna a voltar-se do direito, e sobre a meza abaixa-se o fundo fazendo uso da espatula direita. Depois do fundo bem assente enchem-se as cavidades dos relêvos com a pasta propria. Outra vez o cobre do direito e sobre a meza, é o fundo todo martelado com «matoir griseur». Segura-se no «matoir» com a mão esquerda e coloca-se verticalmente sobre o cobre: com um martelo pequeno, preferinde dos que se verdem para esse efeito dá-se uma pancada forte sobre o «matoir», mudando de logar e repetindo as pancadas até o fundo estar todo picado.

Para preparar o cobre para a patine, leva-se com um pincel molhado em acido chloridrico diluido em agua (partes eguaes). Com um pincel tambem dá-se-lhe a patine, deixando a secar ao ar. Depois são limpos os relêvos com salarine ou pomada «Amor».

Os cabochons são colados nos seus respectivos logares com a cola propria para metaes.

As aplicações são colocadas sobre a moldura, dobrando em volta a borda de largura correspondente á espessura da moldura e empregando-a com pregos de cobre, feitios fantasia.

Almofada para automovel em couro repoussé

Para o couro repousé escolham sempre as amadoras deste artistico trabalho a pele de vitela franceza, lisa.

Sobre uma prancheta de madeira assenta-se a pele com o lado do direito (chamado flôr) para cima: por detraz da pele tem se colocado uma folha de papel chimico preto ou azul com o lado da tinta virado para a pele; sobre esta, previamente molhada por egual com uma esponja embebida em agua, assenta-se o papel do desenho, segurando-a aos cantos com punaises que, atravessando a pele se vão enterrar na prancheta de madeira.

Com a ponta do traçador, fazendo pressão, finca-se o desenho todo.

Para fazer o repoussé ha varios processos; Soltaddo por exemploa pele da prancheta, com pena e tinta cobre-se o traço que o papel chimico marcou na pele; isto para que esse traço não desappareça.

O repoussé é feito empregando a «bola oval». Segura-se a pele com a mão esquerda, amparando-a nos sitios em que, com o ferro na mão direita e pelo avêsso, se vae insistindo até a pele no sitio do desenho formar côvo. A pele deve estar sempre humida, sem o que não tomaria relêvo. Feito isto, vira-se a pele do avêsso e enchem-se as partes que hão de ficar em relêvo com a cêra propria, que se vae amolecendo com os dedos até se poder assentar sobre a pele sem se soltar.

Os medalhões de contas

As antigas bolsas e saccos de contas que tão em moda estão outra vez, inspiraram aos desenhistas das grandes casas para confecção de lindas blusas. Em crepe da China, preto, vemos sobre uma larga prega lisa, seis pequenos medalhões bordados em rosa, ouro e azul turqueza, feitos de contas minusculas do mais encantador effeito.

Em outra blusa o cinto era bordado com contas brancas e azues sobre setim branco e não menos bella era uma com os cantos da gola em pontas realçadas com rosetas em contas douradas.

Um modelo de crepe rosa pallida enfeitado com guirlanda de folhas de contas de vidrilho e uma grande rosa tambem de vidrilho sobre um bolso feito em baixo entre o peito e a cintura.

Os vestidos para soirée são tambem bordados a vidrilho, «cailloux du Rhin» e paillettes cujo peso e brilho estão felizmente em contraste com a leveza da tulle com que são feitos. Estes vestidos são bellissimos em preto, azul da noite e em mordoré.

Os suspensorios ou platinas que se usam com os corsages decotados são quasi sempre de contas, vidrilhos de um lado e «cailloux du Rhin» do outro, ou contas de côr de um lado e velludo do outro e tambem vidrilho branco e preto mas raramente vemos as duas platinas eguaes.

As saias ou corsages que são guarnecidos inteiramente de pequenos laços enfileirados na parte da frente ou sobre ás costuras do lado, enfeitam-se tambem com pequenos desenhos de contas no centro dos laços; «cotardes, rosettes» e certos canotiers de setim não têm outro enfeite senão um medalhão ou uma flor bem grande, bordada a contas.

Os pingentes de vidrilhos nas extremidades das echarpes de tulle nunca deixaram de estar na moda.

Vestido com pellerine, ultimo modelo

O BEIJO

Sentados sobre um rochedo, cercado de arbustos orvalhados, dois jovens de olhares ardentes e puros, fitavam risonhos o som motono das aguas. O mar sereno e calmo, parecia o manto verde de Maria, e as espumas que sobre elle fluctuavam, pareciam as estrellas que sobre o manto scintillavam.

O sol, deixava cahir seus derradeiros raios sobre as aguas formando um espelho mysterioso, um espelho natural. E sobre estas bellezas naturaes, olho assustado para o rochedo e vejo labios unidos num prolongado beijo, e aproximando-se lentamente uma mulher... Interroguei a mim proprio: que será ? E esta mulher de andar gracil, parecendo fadas dos tempos remotos, que auxiliavam sempre e sempre o Deus Cupido aconchegou-se aos namorados. O joven abandona sua amada e com passos apressados desapparesse sobre verdejantes arvoredos...

Comprehendi então...

Era Eros que tinha poisado sobre elles a sua mão divina, innocente e justa.

Mas somente o sabiam os dois...

Então entre o fluxo e refluxo das ondas bravias, e os labios ressequidos pela brisa que constantemente soprava, uniram-se num palpitante beijo. E aquella estatua humana de cabe los longos e soltos parecendo fios de oiro, ajoelhou-se com veneravel respeito ante a candura de Aurora, como, outr'ora Magdalena na cruz do Calvario, implorava a Christo o perdão da infrene multidão.

Então com supplicas exclama:

Filha de minh'alma ...

Como consentes que te beijem assim ?

Mãe; para que fallas com malicia ?

Ao dizer esta phrase, Aurora ficou silenciosa. A sua Mãe, pallida, tremula, vendo a pureza daquelle coração e a innocencia que de seu peito desabrocha, lhe interroga:

Aurora minha filha:

Que entendes pelo beijo ?

O beijo ?

Sim filha, o beijo, que é ?...

Aurora respirando, com o peito arfante, responde: Eu minha Mãe, assim defino o beijo:

O passaredo nos agrestes, com seus harmonicos trinados, annuncia o romper do dia; o beijo com seu som rhythmado, annuncia indomita paixão...

Ao ouvir esta definição que sahiu do verdadeiro peito amante, inda lhe diz:

Que somente te oiçam Jeovah, e as ondas procellosas de pelago; roseas felicidades te acompanhe. Ao terminar afasta-se lentamente desapparecendo ao encosto de umbrosas arvores. O crepusculo já tombara.

Então, ao raio de myriades de estrellas, Aurora quedou-se, sobre as fluvidas areias da praia, e em viva commoção, ficou impassivel, a fitar ao longe a immensidão do mar.

Levanta-se nervosa, soluçando emfim...

Ergue as mãos as regiões ethereas dizendo: Deus, omnipotente !

Vosso filho reconheceu nas faces, o osculo da trahição, eu recebi nos labios o osculo do juramento,

Como poderei assim peccar ?

Como poderá, meu amor, minha innocencia a vos devolver...

Não sei ..

Uma voz incognita, retumbou no silencio...

Aurora, medrosa, parecia desfalecer; ouvindo então.

Teus beijos são dados com innocencia, és virgem, e a pureza de um coração que ama...

Voltou novamente o silencio.

A lua redonda e bella, despontava na negridão do Ceu, e Aurora desappareceu ao longe na infinita praia.

C. S.

Rio, 6—1916

::::::::

A' violêta

As recordações d'aquelles tempos felizes, que a vida corria-me serenamente como um regato manso, a deslisar entre as flôres da campina; traz-me tanta saudade, das tuas palavras amigas, e de teus olhares ternos, interpretes da paixão ardente que continha a tua alma de moça ! Além !... Muito além, eu vejo sumir-se no occaso do esquecimento, o meu primeiro e unico amôr, que era toda a minha vida e felicidade ! Foi como o sol, que fez desabrochar com seus beijos ardentes, as flôrinhas de Maio; brilhou, fulgio, encheu de alegria o mundo e desappareceu no occaso silencioso da saudade !

Em meu coração, teu amôr fez nascêr as mais doces illusões; eu vivia n'um mundo de felicidades, guiado pelo teu amôr, que suppunha verdadeiro. A felicidade acenou-me de longe; a esperança me sorria, em teus sorrizos divinos; e fugiste deixando-me immerso na saudade, a doce amiga dos infelizes. Essa paixão terrivel que faz-me adorar-te, quando me desprezas; que faz-me esquecer todas as tuas ingratidões, e concedêr-te o perdão, pelo muito que me fizeste soffrer, em nome da felicidade, que me concedêste de ser amado uma vez na vida !

O. C. M.

::::::::

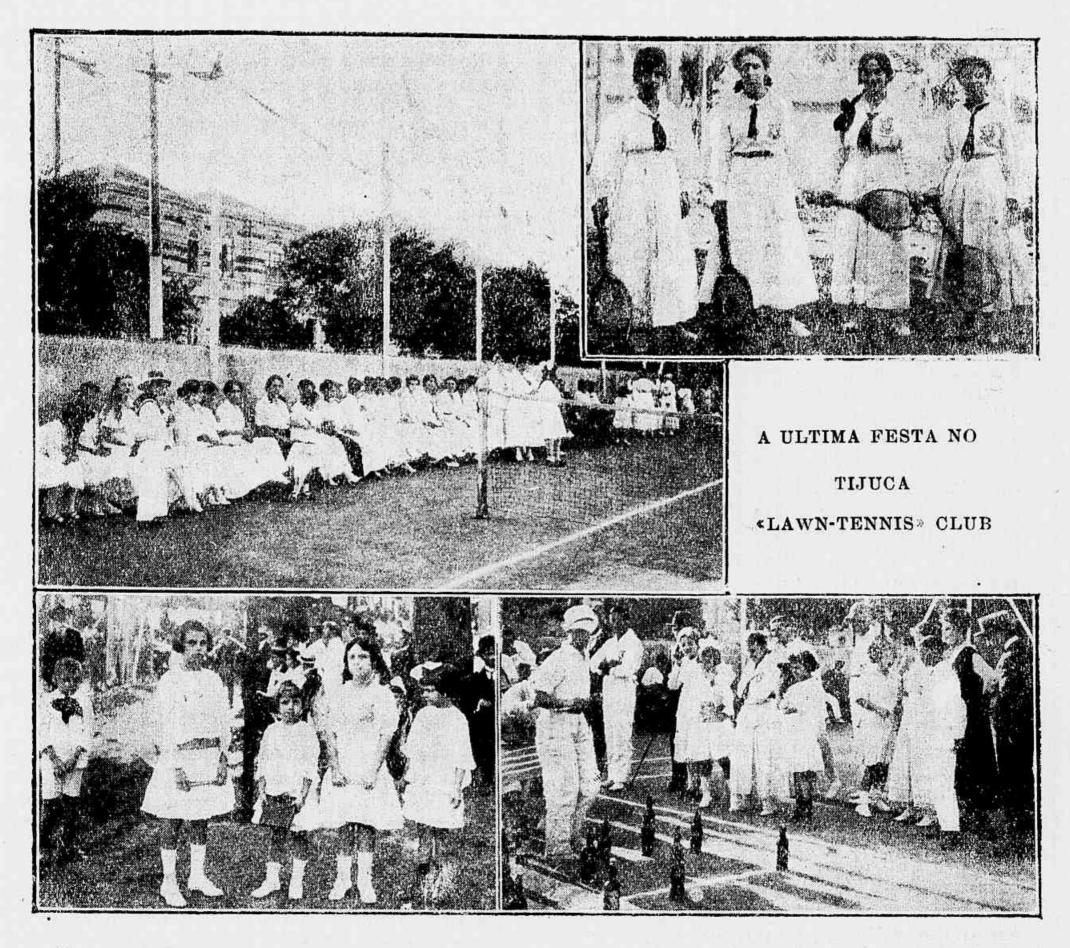
ADEUS AO IDEAL.

Estou com a morte n'alma. Já não sinto o arfar violento e descompassado do peito, a vibração intensa e nervosa do coração nem aquella preoccupação doentia do pensamento que me fazia escravo.

Fui trahido.

A pureza sem par do amôr que eu dedicava ao meu ideal, era unica, era ultima, eu o sinto, e a minha idealisação que era de sentimento, graça e amor, será agora unicamente de recordação e saudade.

J. Vianna.

A ULTIMA FESTA NO TIJUCA «LAWN-TENNIS» CLUB

Instantaneos dos concorrentes ao pareo de pedestres de que sahio vencedora a menina Maria José Pereira; da partida de «tennis» feminina em que tomaram parte as senhoritas Maria Celina Gonçalves, Leonor Pinto, Olga Penalva e Solange Gonçalves; e do pareo de obstaculos (com garrafas) que sahio vencedor o concorrente guiado pela senhorita Fernando Santos. Vê-se tambem um aspecto da concorrencia que teve a festa.

O joven encantador

Traducção de Ribar

— O desfecho vem em teu auxilio, retorquiu o moço grego, mas comtudo sempre te direi: Apresenta-me uma joven prima, que eu odiei a principio, sem a conhecer, como tu; que me vote um amor romantico como a bella Euphrosina te votou sem saber se tu eras digno dum suspiro; que fuja de seu paiz, fazendo-se de morta, para darme toda a liberdade de fazer-me de louco conforme a minha phantasia; que, se tornou zacerdotiza e que, depois de me ter salvado das garras de uma vil confraria de monges assassinos, me abre as portas da prisão, seguindo commigo atravez dos mares; que sacrifique por mim até a ultima vaidade de uma mulher, como a belleza, e que se metamorphoseou em escrava e em feiticeira para salvar-me; que seja mil vezes ainda mais feiticeira pelo attractivo de seus olhares e que depois se lance em meus braços, então...

— E então, disse Sompronius, com o olhar repleto de alegria, desposarás, como eu, o idolo de tua alma?

— Sim, replicou sorrindo Calhas, então serei talvez teu homem, se não pensar em ser um tal louco, entregando-me ao prazer, quando para gozar da mesma felicidade, eu não precisaria senão de casar-me.

Euphrosina ouviu, e lançando um olhar de ternura sobre o marido, pronunciou com uma voz doce como uma musica:

— Cada nova tentativa não será uma nova sancção de amisade? Soffrer as agonias de um instante, não é achar sem esforço uma eterna vida de amor?

— Sim! por ti, minha bella Euphrosina, eu desejaria morrer um milhão de vezes! exclamou Sempronius, com a eloquencia ingenua do coração, comprimindo sua esposa de encontro ao seio.

— Sim! repetiu Callias, mordendo os labios, com um ar de gravidade comica, e affirmo e acceito! porém, em nome do amor, em nome de Venus, ainda uma vez eu vos pergunto, porque tanto pezar?

FIM

Eterna Dôr!...

Escuta! Predestinada, para tão curta vida, como a flôr que desabrocha e, murcha, cahe da primavera, dir-se-ia que esse casto ente descera, como por encanto, do Céo a Terra! Quando o mundo pasmava ante essa sublime obra da natureza, ella desappareceo como uma estrella errante!

Da candura dos seus olhos negros e rutilantes, da alvura crystalina do seu rosto liso como as aguas de um tranquillo lago, do seu sorriso como o bafejo da brisa na flôr entre-aberta, de tão perturbadores encantos nasceo o meu amôr immenso e louco! E, quantas vezes, sosinho a meditar, eu antevia nos meus sonhos de poeta uma imagem tão casta, tão divina, como essa que foi a predileta dos meus sentidos!

Amava-a, sim, vibrava de paixão e estasiado vivia a lhe dizer: "amo-te, quero-te! Fui feliz, verdadeiramente feliz!... As vezes, confessando-me a Deus agradecia o ser assim tão venturoso. Mas... a negra Fatalidade roubou-me o querido ente! Então, cégo, sem o final que me guiava na arena da vida, só, abandonado, desci a estrada do Infortunio em busca de consolo... Chamei-a nas minhas horas de agonia e de uma voz horrenda, sarcastica, só ouvi: "morreu".

Alucinado caminhei vergado ao peso da Desgraça pelo caminho da Dör até o calvario, onde iria soffrer os martyrios da vida!... Faltou-me alento e sentia-me vagar como um corpo inanimado pela estrada immensa da Desventura, orphão do carinho daquella aquem tanto amei.

No meu rosto magro e exangue não mais se estampavam doces esperanças, ---- só o estigma da morte nelle imprimia um declinio de forças qual sopro final de vida atrophiava-me os nervos: Morreu!... Parece que a propria imaginação róla por um insondavel abysmo e vae cahir, inerte, exausta no infinito do Eterno Nada!

Morreu!... Vermes terrenos irão devorar aquelle corpo virgem, que em vida os meus labios sedentos e apaixonados não ousaram sequer supplicar-lhe a bendicta uncção de um beijo! Da ambição do Goso do supremo desejo de possuil-a, qual nuvem que o sol offusca n'um rochedo virgem e desmancha-se no espaço, nasceram meus sonhos de poeta, e morreram com áquella que em vida devia ser minha, sómente minha!

Oh! morte! implacavel! Um raio, cahindo sobre um blóco de bronze não produzeria tão malefico effeito que tu, maldicta, em meu desalentado coração de apaixonado!

E é como elle que has de lutar agora, mas, os meus labios de vencido hão de vociferar imprecações horriveis de tua maldição, fallando-te, perguntando-te, pedindo sómente a Deus por aquella que eu amava com a força de um coração jovem, desalentado e dolorido,

Morreu!... lyrio pendido á falta d'agua, flôr queimada pelo fogo da descrença, sensitiva humilde esmagada ao peso de robusto cédro!

Hoje mudo, inerte, inanimado, repousa eternamente sob o peso de funerea terra, arido e frio um coração perdido!

— ? — ....

Choro sim, lamento as agruras que hei carpido.

Cada lembrança é uma lagrima, é uma saudade desprendida de minh'alma é um pedaço da vida que se esvae como um grito de Dôr pela vastidão de um deserto!

Choro sim, e cada vez que choro, o pensamento vae soturno pela mansão do silencio como sentinella da Dôr e do Sentimento, regar com meus prantos o pedaço de terra que acolhe, para sempre, aquella flôr fanada na aurora da vida, por cuja memoria rendo hoje os mais sentidos tributos de uma amizade infinita, de uma saudade immorredoura de uma felicidade perdida!...

RIO,—12—6—1916.

Almir Domingues.

::::::::

Chorei na fazenda ao cahir da tarde

O sol desapparecia com os seus frouxos raios, banhando os ultimos gracejos da tarde que agonisava silenciosamente.

O gado surgia pelos campos procurando a invernada e chorava na matta a patativa, trazendo com os seus maviosos canticos a nostalgia da tarde.

O silencio profundo da fazenda, se confundia com a solidão dos bosques, e foi assim, que a minh'alma tambem se confundiu nessa transformação e quedou-se num scismar de intimo desgosto. O desespero evadiu-me a alma e a tristeza acorrentou-me á descrença, affastando de mim a esperança, esse balsamo que suavisa o coração dos que soffrem.

Descrente assim de tudo, minh'alma mergulhou-se na dör immensa da saudade de um ente que parte, e chorei.

Chorei pelo ente que vi partir para não mais voltar, chorei por minha Mãe!

DYLIA.

Rio, 30 de Junho de 1916.

::::::::

Ao poeta Almir Domingues

Ao longe, muito ao longe, o campanario badala triste e melancolicamente a Ave-Maria.

O sol vae desapparecendo lá no poente, como que abrazado e fulvo lampadario, emquanto a lua vem surgindo pallida no Oriente, como se fosse um facho temerario. Emquanto aprecio este bello poema da natureza, o meu espirito agitado busca na placidez dos campos um momento de calma e de conforto; mas!... ai! vem a saudade me desdobrando no pensamento uma infinidade de tristezas pungentes.

PEROLA.

PAGINAS INFANTIS

RENATO MELLO, filhinho do dr. Francisco Mello e professora d. Carmen Mello

As estações

(A gentil e bondosa amiga Alcida Figueira)

A Terra no seu caminhar incessante, em torno do sol, offerece-nos differentes temperaturas de frio e calor. A' essas mudanças gradativas que se fazem com intervallos de tres mezes, dá-se-lhes o nome de-"Estações". Quatro são as estações, bem diversos são os effeitos que cada qual produz assim como de modos diversos se reveste a Natureza. Ora é o calamitoso--Verão--com os seus claros e quentes dias, a athmosphera torna-se pesada e asphyxiante. Os raios solares dardejantes sobre a Terra vao à humilde violeta, occulta entre a virente relva e crestal-a com seus ardores. Nada poupa o causticante sol. Aqui é um jardim outr'ora bello e viçoso, agora triste com as flores crestadas ; relvas amarellecidas e galhos pendentes em verdadeiro desanimo ; alli é o regato onde já se não vê os magestosos cysnes que por sentirem as suas aguas quasi tépidas abandonaram-nas. Felizmente a Natureza é previdente e a essa estação que torna a todos e a tudo quasi em estado de innação, succede o alegre--"Outomno"-- As arvores, até então como que paralysadas, se revestem de novas folhagens, cobrem-se de bellas flores portadoras em seus seios de saborosas fructas. Os dias outomnaes são seccos, mas não quentes ; as manhãs claras e lindas, as tardes de bellezas infindas. Ao findar essa bonançosa estação vem a que mais faz soffrer os desherdados da sorte o--"Inverno".

Os dias são frios, noites gélidas, chuva impertinente cae emquanto o pobre não tem um agasalho para resguasdar-se. Os dias são tristes e sombrios, atê que as noites de luar, não tem a poesia e esplendor das noites primaveris.

Jà no fim dessa estação o gorgear da passarada se faz ouvir annunciando a chegada da " Primavera ".

Primavera, é a estação das flores, dos dias festivos' em que a apparição do astro rei, é saudada com o mavioso concerto dos cantos da passarada, emquanto que ligeiras borboletas saltitam daqui para alêm. Os jardins revestidos de bellas flores e os prados cobertos de verdes relvas, fructas pendentes das frondosas arvores.

E' a -- Primavera -- a estação da abundancia e belleza.

EMMA MUNIZ ALVARES DE AZEVEDO

Waldemar, Edelweiss e Oswaldo, filhos do capitão João Costa, industrial e fazendeiro em Belmonte

Eterna Dôr!...

Escuta! Predestinada, para tão curta vida, como a flôr que desabrocha e, murcha, cahe da primavera, dir-se-ia que esse casto ente descera, como por encanto, do Céo a Terra! Quando o mundo pasmava ante essa sublime obra da natureza, ella desappareceo como uma estrella errante! Da candura dos seus olhos negros e rutilantes, da alvura crystalina do seu rosto liso como as aguas de um tranquillo lago, do seu sorriso como o bafejo da brisa na flôr entre-aberta, de tão perturbadores encantos nasceo o meu amôr immenso e louco! E, quantas vezes, sosinho a meditar, eu antevia nos meus sonhos de poeta uma imagem tão casta, tão divina, como essa que foi a predileta dos meus sentidos!

Amava-a, sim, vibrava de paixão e estasiado vivia a lhe dizer: "amo-te, quero-te! Fui feliz, verdadeiramente feliz!... As vezes, confessando-me a Deus agradecia o ser assim tão venturoso. Mas... a negra Fatalidade roubou-me o querido ente! Então, cégo, sem o final que me guiava na arena da vida, só, abandonado, desci a estrada do Infortunio em busca de consolo... Chamei-a nas minhas horas de agonia e de uma voz horrenda, sarcastica, só ouvi: "morreu".

Alucinado caminhei vergado ao peso da Desgraça pelo caminho da Dör até o calvario, onde iria soffrer os martyrios da vida!... Faltou-me alento e sentia-me vagar como um corpo inanimado pela estrada immensa da Desventura, orphão do carinho daquella aquem tanto amei.

No meu rosto magro e exangue não mais se estampavam doces esperanças, ---- só o estigma da morte nelle imprimia um declinio de forças qual sopro final de vida atrophiava-me os nervos: Morreu!... Parece que a propria imaginação róla por um insondavel abysmo e vae cahir, inerte, exausta no infinito do Eterno Nada!

Morreu!... Vermes terrenos irão devorar aquelle corpo virgem, que em vida os meus labios sedentos e apaixonados não ousaram sequer supplicar-lhe a bendicta uncção de um beijo! Da ambição do Goso do supremo desejo de possuil-a, qual nuvem que o sol offusca n'um rochedo virgem e desmancha-se no espaço, nasceram meus sonhos de poeta, e morreram com áquella que em vida devia ser minha, sómente minha!

Oh! morte! implacavel! Um raio, cahindo sobre um blóco de bronze não produzeria tão malefico effeito que tu, maldicta, em meu desalentado coração de apaixonado!

E é como elle que has de lutar agora, mas, os meus labios de vencido hão de vociferar imprecações horriveis de tua maldição, fallando-te, perguntando-te, pedindo sómente a Deus por aquella que eu amava com a força de um coração jovem, desalentado e dolorido.

Morreu!... lyrio pendido á falta d'agua, flôr queimada pelo fogo da descrença, sensitiva humilde esmagada ao peso de robusto cédro!

Hoje mudo, inerte, inanimado, repousa eternamente sob o peso de funerea terra, arido e frio um coração perdido!

—? —.......

Choro sim, lamento as agruras que hei carpido.

Cada lembrança é uma lagrima, é uma saudade desprendida de minh'alma é um pedaço da vida que se esvae como um grito de Dôr pela vastidão de um deserto!

Choro sim, e cada vez que choro, o pensamento vae soturno pela mansão do silencio como sentinella da Dôr e do Sentimento, regar com meus prantos o pedaço de terra que acolhe, para sempre, aquella flôr fanada na aurora da vida, por cuja memoria rendo hoje os mais sentidos tributos de uma amizade infinita, de uma saudade immorredoura de uma felicidade perdida!...

RIO,—12—6—1916.

Almir Domingues.

::::::::

Chorei na fazenda ao cahir da tarde

O sol desapparecia com os seus frouxos raios, banhando os ultimos gracejos da tarde que agonisava silenciosamente.

O gado surgia pelos campos procurando a invernada e chorava na matta a patativa, trazendo com os seus maviosos canticos a nostalgia da tarde.

O silencio profundo da fazenda, se confundia com a solidão dos bosques, e foi assim, que a minh'alma tambem se confundiu nessa transformação e quedou-se num scismar de intimo desgosto. O desespero evadiu-me a alma e a tristeza acorrentou-me á descrença, affastando de mim a esperança, esse balsamo que suavisa o coração dos que soffrem.

Descrente assim de tudo, minh'alma mergulhou-se na dör immensa da saudade de um ente que parte, e chorei.

Chorei pelo ente que vi partir para não mais voltar, chorei por minha Mãe!

DYLIA.

Rio, 30 de Junho de 1916.

::::::::

Ao poeta Almir Domingues

Ao longe, muito ao longe, o campanario badala triste e melancolicamente a Ave-Maria.

O sol vae desapparecendo lá no poente, como que abrazado e fulvo lampadario, emquanto a lua vem surgindo pallida no Oriente, como se fosse um facho temerario. Emquanto aprecio este bello poema da natureza, o meu espirito agitado busca na placidez dos campos um momento de calma e de conforto; mas!... ai! vem a saudade me desdobrando no pensamento uma infinidade de tristezas pungentes.

PEROLA.

PAGINAS INFANTIS

RENATO MELLO, filhinho do dr. Francisco Mello e professora d. Carmen Mello

As estações

(A gentil e bondosa amiga Alcida Figueira)

A Terra no seu caminhar incessante, em torno do sol, offerece-nos differentes temperaturas de frio e calor. A' essas mudanças gradativas que se fazem com intervallos de tres mezes, dá-se-lhes o nome de-"Estações". Quatro são as estações, bem diversos são os effeitos que cada qual produz assim como de modos diversos se reveste a Natureza. Ora é o calamitoso--Verão--com os seus claros e quentes dias, a athmosphera torna-se pesada e asphyxiante. Os raios solares dardejantes sobre a Terra vao á humilde violeta, occulta entre a virente relva e crestal-a com seus ardores. Nada poupa o causticante sol. Aqui é um jardim outr'ora bello e viçoso, agora triste com as flores crestadas ; relvas amarellecidas e galhos pendentes em verdadeiro desanimo ; alli é o regato onde já se não vê os magestosos cysnes que por sentirem as suas aguas quasi tépidas abandonaram-nas. Felizmente a Natureza é previdente e a essa estação que torna a todos e a tudo quasi em estado de innação, succede o alegre--"Outomno"-- As arvores, até então como que paralysadas, se revestem de novas folhagens, cobrem-se de bellas flores portadoras em seus seios de saborosas fructas. Os dias outomnaes são seccos, mas não quentes ; as manhãs claras e lindas, as tardes de bellezas infindas. Ao findar essa bonançosa estação vem a que mais faz soffrer os desherdados da sorte o--"Inverno".

Os dias são frios, noites gélidas, chuva impertinente cae emquanto o pobre não tem um agasalho para resguasdar-se. Os dias são tristes e sombrios, atê que as noites de luar, não tem a poesia e esplendor das noites primaveris.

Jà no fim dessa estação o gorgear da passarada se faz ouvir annunciando a chegada da " Primavera ".

Primavera, é a estação das flores, dos dias festivos' em que a apparição do astro rei, é saudada com o mavioso concerto dos cantos da passarada, emquanto que ligeiras borboletas saltitam daqui para alêm.

Os jardins revestidos de bellas flores e os prados cobertos de verdes relvas, fructas pendentes das frondosas arvores.

E' a -- Primavera -- a estação da abundancia e belleza.

EMMA MUNIZ ALVARES DE AZEVEDO

Waldemar, Edelweiss e Oswaldo, filhos do capitão João Costa, industrial e fazendeiro em Belmonte

«As Pipirinhas»

— Olha Julia, o Anacleto vae matar se por tua causa.

Elle diz nesta carta que «ingerirá uma droga»...

— Como si eu não soubesse o augmento de preços que tiveram as drogas com a guerra... Não creias nisso.

Si o Anacleto arranjasse para o veneno, compraria de preferencia um outro frack...

Resurreição

Escreve-nos a senhorita Cecy Silva:

E' a palavra acima a que serve de titulo ao livro de estréa de Carlos Rubens.

Composto de varios escriptos em prosa, divididos que são em contos e artigos, estes sobre artistas do verso e do pincel, "Resurreição" é, no conjuncto, um livro revelador de qualidades só apreciaveis em os que são verdadeiros interpretadores do Bello.

Carlos Rubens, com ser um poeta apreciado, é, sobretudo, um quasi perfeito burilador de periodos. Sabe constituil-os elegantemente, não procurando arrevezamentos, não abusando de metaboles e, até, procurando ser sabio, porque simples. Fosse Carlos Rubens mais versado em psychologia, um leitor assiduo de Paul Bourget, e de psychologistos taes, tanto era o preciso para que os contos realistas do "Resurreição" não se nos apresentassem possuidores de algumas falhas. E' de notar-se nos trabalhos de Carlos Rubens, tambem, a deficiencia de vocabulario. Mas, afóra senões perdoaveis em os livros de estréa, ha nesse livro pequenino do contista alagoano, trechos e trechos de descripções perfeitas, por isso que nos transmittem impressões agradaveis e duradoras.

Carlos Rubens, antes da publicação do livro alludido, já obtivera renome. Collaborador de jornaes e de revistas, os trabalhos literarios de Carlos Rubens eram devidamente apreciadas. Não sendo do meu intento criticar o "Resurreição", que a isto não me permittem as minhas qualidades de profana em materia tão ardua, quero, apenas, dizendo das minhas impressões, accentuar a admiração tributada por mim ao talentoso prosador do "Resurreição", a esse espirito de escól que é Carlos Rubens.

Cecy Silva

Relembrando

Sentados juntinhos á alameda, trocando olhares que diziam amor, mal deixavam ouvir palavras quasi imperceptiveis, entrecortadas de suspiros. Ella sorria ás vezes, aquelle sorriso ingenuo e malicioso ao mesmo tempo, sorriso, digamos sem exaggero, divinal, pois só as deusas do paraiso, as walkirias, creadas pela phantasia excitada dos homens, poderiam igualar. Assim, sensibilisados ao extremo, parecia delles evolar um só fluido, destes gerados na languidez de um idyllio á sombra das arvores, ao perfume das flores, quando ao portão chega um mendigo.

O seu traje bem dizia o estado lastimavel a que chegara.

No auge da felicidade tambem pensamos nos desgraçados. Sim, porque ella traz comsigo, mormente nas almas grandes, a lembrança de que existem outros soffrendo, emquanto gosamos. Estou certo que, si se pudesse, nessas occasiões fazer todos felizes, fariamos, não menos por caridade que para o nosso proprio bem estar. A humilhação até no proximo tortura-nos, magoa-nos.

Foi o que aconteceu áquelle par venturoso. Unidos num só pensamento, numa só idéa, voltaram para o pobre os olhos que diziam agora compaixão.

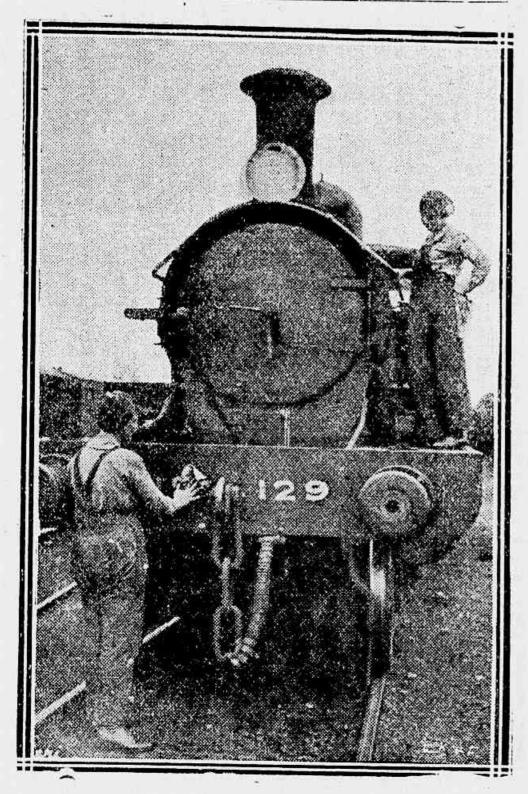
As palpebras della se humedeceram e, si ha pouco era bella sorrindo, agora, chorando, era sublime, fascinante, encantadora. Como é sensivel a alma da mulher!

E na alma do mendigo,, que se passaria? Uma lagrima, escaldando-lhe o rosto,, lagrima de sangue, poderia responder, mas... quedou-se silenciosa... Seria o passado revivido? Teria sido out'rora assim tambem?

Outras cahiram... silenciosas...

Waldemar W. de Oliveira

Julho 916.

A mulher e a Guerra

Quem ler a chronica de M. R. no nosso numero de hoje, ha de ter uma bem nitida impressão deste instantaneo onde se vê a pobre mulher empregada até nos serviços de estrada de ferro, para que não se dissolva de todo a nossa organisação social.

Se as mulheres não fossem a força prodigiosa que de facto o são na sociedade moderna o que seria hoje do mundo?

Ahi está um bello quadro para os que as acreditam apenas «um vestido de rendas»...

::::::::

Rapazes de minha idade
Nós só falamos do amor...
Parece até que a bondade
Para nós não tem valor.

Façamos, pois, á bondade
Versos simples, naturaes:
Ella é modesta e não ha de
Ter exigencias de mais.

Além de modesta, é boa
Da pobreza não se ri.
Meus pobres versos perdoa
E por isso os deito aqui.

RENATO LACERDA

Recordando...

A ALGUEM...

Foi numa tarde amornada, de estio, que se fez propicia, ao Deus Acaso, a occasião do nosso encontro e da primeira troca de um mutuo «régard d'amour».

D'essa data em sequencia, os seus pequenos olhos volitantes seguiam-me o pensamento; a Insensibilidade, que se tornara de ha muito formal caracteristica do meu coração semi-empedernido, cedia aos constantes assaltos da Paixão, que em meu peito avançava e a enorme barreira da Indifferença, até então intransponivel, via-se de surpreza assaltada, derrotada, vencida afinal...

Em breve correspondiamo-nos com ardôr; as suas cartas, de um texto admiravel, correcto e attrahente, constituiam o meu maior encanto, embevecendo-me ao auge, arrancando-me da Alma e Coração os mais intensos protestos de veneração e de Amôr.

Nas linhas subtis e observativas que por esse Anjo me eram endereçadas não só eu lia a affirmação tacita da sua verdadeira affeição, como tambem a demonstração de um intellecto que se amoldava, desprezando preambulos para se não salientar, procurando transfornar phrases que exprimam mais do que o seu sentir, mas que, ainda mesmo transformadas, apontavam a proveniencia sabia e altamente preparada da autoria.

Oh! como é bello conquistar-se a sympathia de um ente que sabe, com a palavra, exprimir o que constitue o verdadeiro thezouro da Vida, a Conscia do Sentimento!...

....

Passaram-se mezes. A ausencia momentanea d'esse Anjo querido, que transferira a residencia para local inaccessivel por mim, por motivos particulares, deu azo a que a Volubilidade rechassase em parte, o exercito compacto da Paixão.

Após os primeiros ataques, enormes claros se abriram n'essas hostes do Amor e, dentro em pouco, a retirada era quasi inevitavel, tal a somma de auxilio que a Indifferença conseguira avolumar, enfrentando a Paixão invasora que recuava, desbaratada, vencida pelos que vencera em tempos idos, mas nunca olvidada, jámais esquecida...

....

Hoje, n'esse vasto compo de luta que a Indjfferença occupou e onde a Insensibilidade impera, nada quasi ha que relembre essa Paixão dominante e expressiva de outras éras.

Sómente, um pequeno ponto fulgurante, no amago deste pobre coração, rememora a mais eterna e immorredoura das recordações, como balsamo vivificante de uma Affeição Saudosa e Inolvidavel.

O. GODINHO.

Um alegre instantaneo na «pelouse» do Jockey-Club

TYSICA

Numa instituição de caridade

Num passo vago e incerto de doente,
Numa pallidez triste de feia mórte
Essa mulher—espectro frio e dolente
De um lindo cadaver tem o porte!

Não sei se guarda uma esperança
Ou se um desgosto no seu peito móra
Mas um sorriso—talvez méra confiança
Eu vejo nos seus labios pairar agora.

Conheço-a assim enferma, desde menina;
E' uma pobre e infeliz tuberculosa
Um unico resto de alma feminina.

Breve chorarei essa partida saudosa
E não poderei salval-a á garra adunca
Pois hoje, está mais pallida do que nunca...

ELZA G. DO NASCIMENTO.

Retrospecto

meu ás moças do «Jornal»

E' irrefutavel que um dos laços mais fortes de que a moça pode lançar mão para reprimir o indifferentismo de quem della se julga amado, é a musica melancolica e enternecedora em seus cantos. A sua voz, então, ouvida em uma solemnidade ou em um momento de tristeza, como seja á tardesinha silenciosa, se torna em chammas e accende o amor no peito do querido. Si ella canta depois que é amada, faça o bem ou mal, o echo da sua alma exerce imperio sobre a alma delle; move e excita os seus affectos e os sons parecem vibrados e repercutidos nas fibras, mesmo as menos sensiveis do seu coração. Mas..., ai d'aquella que se não conhece, que não tem os segredos da melodia, as inflexões macias para afagar, o mysterio que arrebata, e a faculdade de agitar as mais intimas sensações com os seus accordes, e põe-se a atormentar os ouvidos do pretendido, antes que elle a pretenda! Depois, nem os mais ternos olhares, os mais affaveis carinhos, os enlevos mais voluptuosos, quebrarão o desprezo do homem, inspirando-lhe o amor, fazendo-o submisso a essa alma palpitante.

ERNESTO SCHILLER.

Oswaldo e Edith Marques de Souza

::::::::

Os dois impossiveis!

A quem me entende...

A mancenilha é a arvore do mal, em sua sombra aprazivel ninguem impunemente procura abrigo; o veneno subtil que se evola sob sua ramaria tem victimado a todos e entretanto ella acha ainda quem immolar em sua perversidade, inconsciente de intoxicar aquelles que lhe supplicam abrigo!

Tu és a mancenilha, eu sou o viajor, elle perdido embrenha-se pela floresta, procura abrigo sob a tua ramaria, sente a necessidade immensa de dormir, elle sabe que o somno em taes condições é a morte, que não poderá mais despertar, e entretanto, dorme! Amor, ventura, illusões que me emballavão, deleitaes anhelos que me cercavão, oh, tudo se findou!!

Fadario doloroso que ideei risonho, foi de momento no fruir de um sonho que de mim zombou! Dormi, sonhei e acordei! Romper não tarda a madrugada, são tres horas, e, a esta hora tu dormes talvez e comtigo a natureza. Silencio sepulcral em toda a rua, meia duzia de lampeões roubam a escuridão com luz pallida que illumina, o esconderijo onde se ergue a choupana de quem tanto te amou! Nem viva alma sequer transita pelas ruas, mergulhadas na melancholia das trevas! O sol não tarda, quente como um coração de virgem, espancar a escuridão da noite! Lagrimas de orvalho peneiram sem cessar a natureza toda. Paz e silencio em toda linha, e a esta hora tu dormes, talvez sonhando, e eu, busco o caminho da Fazenda, só, e com o pensamento em ti!

Tenho tédio de mim mesmo e uma tristeza fere-me o coração!

Ha na tua fronte um vislumbre de maldade, ha em meu coração um soluço de dor. Si me fugiste, com o semblante austero. porque é que em sonhos tu me vens sorrindo?

As tuas juras foram vãs e passageiras como a eburnea nuvem qne aformosea o firmamento em uma bella tarde de Estio! A mim restam lagrimas sentidas e a pallida imagem da saudade; e n'um gemido angustioso eu te peço, torna... torna... caro ideal!

EDMUNDO DE LACERDA

Versos de um dia de verão

Ha um brando ruflo de azas pela estrada,
E debaixo de um sol abrazador,
Cigarras vão soltando,
No silencio da tarde erma e doirada,
Lindissimas cantigas...

Na curva do caminho vae passando,
Feliz, trabalhador,
Um bando de formigas...

Uma caricia affaga a nossa vida
Mui mansa e lentamente...

E a nossa alma se expande, commovida,
N'uma prece tristonha...
— Ah! quem déra dormir eternamente
N'esse sonho de arminho...
E a nossa mente sonha
Com o Castello das Mortas Illusões,
Povoado de Desgraças e Paixões...

N'um suave carinho
A tarde vae cahindo, pouco a pouco...

— Tem-se então um desejo lindo e louco
De amar uma mulher meiga e bonita,
Como a Flôr Delicada,
Que, adormecida e só, ha muito habita
Uma Plaga Encantadora
Ou um paiz de Sonhos...

E então brotam, risonhos,
Os desejos de nossa mocidade...
— Simples e meigos, divinaes desejos,
Ardentes como os beijos
Das virgens delirantes
Que sonhamos em noites extasiantes,
Avivados agora na Saudade
Que envolve os nossos dias
De imagens tão sombrios!...

E passa o Sonho... e a aragem perfumosa
Se extingue além... n'um poente côr de rosa...

E o passaredo entôa
Uma canção tão bôa,
Que ficamos, tristonhos, a scismar
Ouvir nessa canção
Qualquer cousa de novo, de encantar
Nosso tristonho e doente coração...

E emquanto que as cigarras,
Alegres, vão soltando,
No silencio da tarde erma e doirada,
Sonatas tão bizarras,
Lindissimas cantigas
Sob um sol causticante e abrazador...

Na curva do caminho vae passando,
Feliz, trabalhador,
Um bando de formigas...
... E existe um ruflar de azas pela estrada...

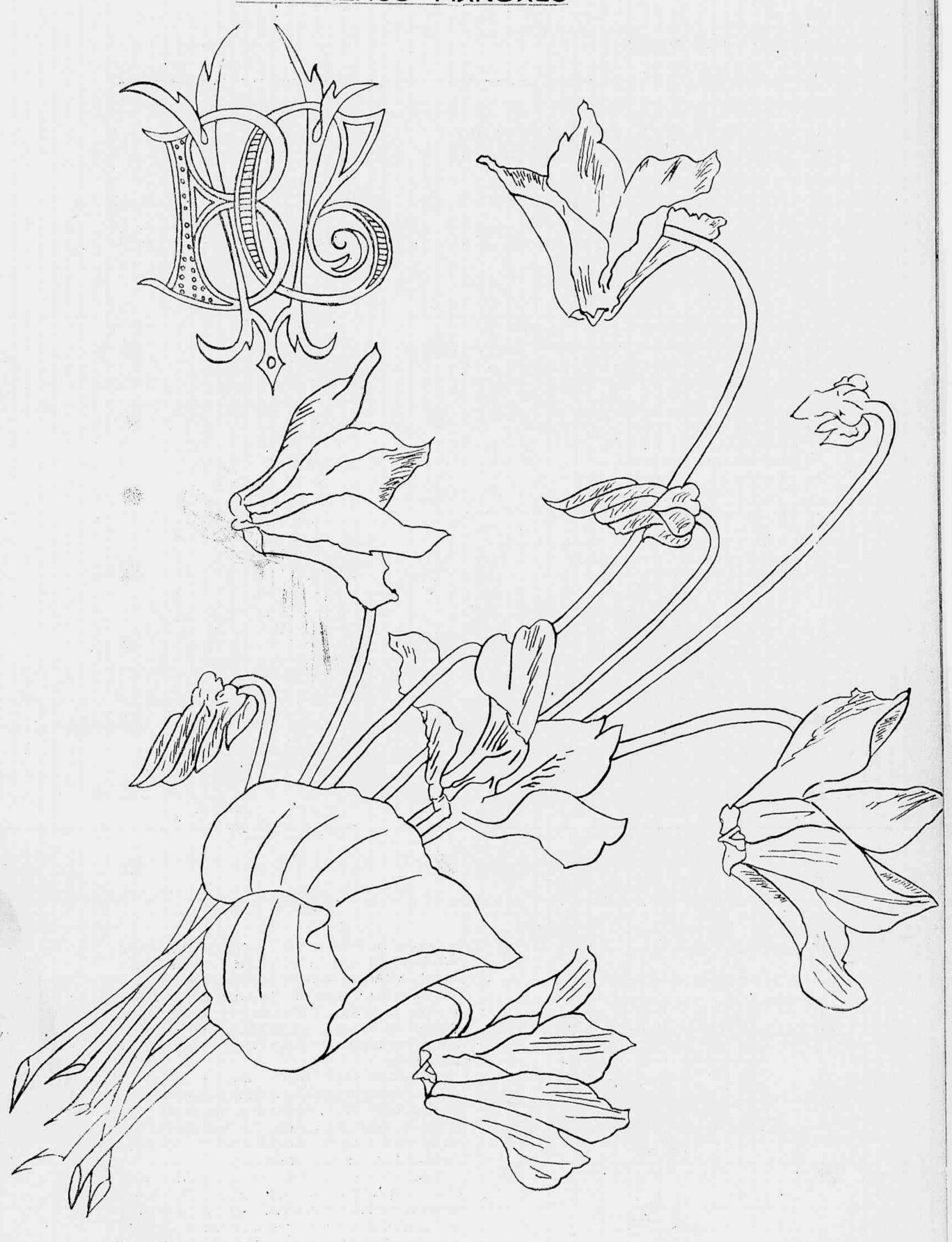
SALOMÃO CRUZ.

Dorilêa

VALSA

A's queridas filhinhas Brasiléa e Isolea.

Ricardina Osorio Carvalho

Zék.

Desenho para ser gravado ou pirogravado em couro ou velludo. Ramo e monogramma de uma rarissima collecção de 1880

MODOS E MODAS

Os modelos

Si bem que novos modelos sejam lançados em algumas casas de modas em outras continuam francamente as saias arredondadas. Prestam-se muito ao desenvolvimento da fazenda em circulos com forros da saia em tafeta, debruados com cordão de crina ou de frageis arcos que mantêm a saia em balão afastada do corpo; e isto nos faz pensar, apezar de tudo, nas toilettes de 1830 e mesmo nas crenolines da imperatriz Eugenia. Esta necessidade de approximar as cousas do presente ás do passado é uma trave em que esbarramos frequentemente, como si o presente não pudesse viver sem dispensar o passado.

Quem pode lá saber ? Sobre esses vestidos veem-se ainda algumas longas redingotes. Abas de casaca tambem mas sobretudo adornos curtos: pequenas jaquetas, pequenas vestes, casaquinhos e corsages boléro com cinto, pertencente ao proprio corsage, mangas compridas ou curtas, á naturaes.

O tailleur será muito menos usado á tarde. Proprio para a toilette da manhã, será substituido durante o dia pelos vestidos de faille ou tafetá, de musseline ou voile e que serão dissimulados, havendo necessidade, com manteaux.

A simplicidade destes vestidos diz bem com o ambiente dos acontecimentos e das idéas do actual momento. Numa casa da praça Vendôme vem-se vestidos, para de dia, bem bonitos em tafetás brocados com bou-

quets de flôres velhas e que augmentam suas silhuetas sobre as cadeiras por meio de apanhados de que fallou-se acima. Um em sêda preta semeado de minusculos bouquets de tons antigos, recortando elegantemente a saia dum largo viez de tulle preta, sobre um fundo de saia de talle marron.

Costumes de duas fazendas

O Paletot, que não combina com a saia senão na côr, parece ter obtido successo, especialmente para mocinhas de 16 annos em deante. Por exemplo: uma saia escoceza com paletot de fazenda lisa. Outro costume moderno de duas fazendas que está apparecendo entre as novidades da meia estação, tem o paletot de listas largas com saia da mesma côr.

Este padrão produz bom effeito quando as listas não são muito definidas e si as côres escolhidas são suaves e artisticas. Dois matizes de cinzento delicado ou lebre escura combinam bem com uma saia dos dois tons do casaco.

As mangas

A manga moderna é apertada até chegar abaixo do cotovello onde se alarga decisivamente tal como faz a saia. Algumas terminam curtas entre o cotovello e o pulso para arrematar com pequeno puff em baixo. Do outro lado tem um sino tão amplo que deixa ver uma segunda manga, justa como uma luva, do punho até ao cotovello.

As novas mangas sino, de fazenda ou sêda encorpada, são cortadas aqui e alli para mostrar um nitido «V» de renda e filet, dando mais levesa ao acabado.

Modos e Modas

OS FEITIOS

Em certos ateliers de costura todos os modelos são meio balão enfeitados em profusão, emquanto que outros têm as saias mais compridas, leves, pouco enfeitadas e os corsages lisos.

Estão em moda tanto os vestidos de cintura comprida como curta, o estylo Imperio e Idade Media se disputam. Teremos modelos de 1840 como tambem de Luiz XVI e o ultra elegante terá reminiscencias do estylo puro.

Muitos véos longos e «écharpes» estão em fóco.

As luvas

Com o reapparecimento das mangas curtas apparecem as modas e são em geral de tom escuro. Quando se usam com uma «toque» de véo comprido, combina-se o mais possivel a côr das luvas á da «toque» e véo, harmonisando-se egualmente o calçado, bolsa e cinto. Nas lojas de modas encontram-se todos esses artigos em azul marinho, cinzento, tête de negre e até em verde garrafa.

Os cintos

Na maioria dos modelos de Paris vemos cintos estreitos ao mesmo tempo que echarpes de laços immensos.

A variedade em fitas é infinita. Veem-se nos chapéos muitas fitas de moire, da largura de trés dedos mais ou menos, bordados dum pontilhado dourado ou prateado. O ouro e a prata têm um lugar saliente nos enfeites. Fitas de setim com rosas ou «pois» tecidos a ouro e listadas estão entre as favoritas, assim como as de tafetá com dentilhado do mesmo tom.

Como a tendencia da moda é para os chapéos de fazenda, chega-se mesmo a cobrir as fórmas «Niniche» e Luiz XVI com essas fitas, ás quaes addiciona-se uma rosa ou um bouquet de myosotis, tornando-o assim um encanto.

As fitas

As fitas de dous tons atravessam tambem as saias e corsages, dando laços graciosos aqui e lá, sob os tecidos. Com as saias de tulle e «Ninon» faz se um bello enfeite com ruches de fitas «a picots» ou simplesmente com fita collocada lisa, fazendo lembrar o «pli religieuse».

Mares e bonanças...

Não ha quem possa, um só momento sequer, gosar da calma essas delicias suaves e inenarraveis, que são ás mensageiras da paz, do socego espiritual e da placidez serena, em que nossa alma tanto se compraz serenamente, se não conseguiu expurgar de todos os reconditos do intimo afflicto e castigado os ultimos effeitos das lutas accumuladas; se de si não espancou os soffrimentos guardados; se não apagou de todo as dôres fortes, que explodiram em prantos sentidos e queixumes amargos, em ais e suspiros...

Sem dúvida, quando o intimo socega, a serenedidade do nosso espirito enflora-nos o rosto, e a placidez meiga do olhar, a brandura da phrase, o gesto compassado, tudo isso diz que dentro de nós não se agitam mais aquellas tempestades desencadeadas e retumbantes, que em outros tempos faziam revoltar os sentimentos, como nos mares os ventos tempestuosos revolvem as areias do fundo e atiram vagalhões ás praias desertas da costa.

As bonanças dos mares, como as da nossa alma, ou do nosso intimo, são sempre propiciatorias: com aquellas é que as viagens correm felizes, contamos idylios, unimos corações com corações no mesmo affecto, e singramos as aguas sem perturbação em busca do bom termo.

Na alma ha tambem bonanças que lhe facilitam o porto a que se dirigem os desejos, os affectos e os idéaes de esperança; e as bonanças da alma nascem em nós, quando cessa o turbilhão das afflicções e amarguras, e quando a estrella tutelar vem a mando do Omnipotente brilhar protectoramente no caminho da nossa vida, e indicar o porto da peregrinação lutada, mas lutada com muita coragem.

Ellas vêm egualmente, quando dentro de nós se faz a cicatrização das feridas que estiveram a sangrar dolorosamente numa serie de eternidades de soffrimentos, ou desapparecem as eccymoses que cobriam o coração batido, como costumam ser batidos os rochedos dos mares pelo rolo encapellado das vagas!...

Como a estrella polar dos navegantes brilha á hora dos mares bonançosas, no nosso intimo, agora calmo, refulge do mesmo modo a estrella tutelar, como a missionaria da esperança, a mensageira da consolação, para annunciar-nos que as amarguras da luta travada deixaram de existir, e que os mares se calmaram, e as bonanças fazem melhorar a rota.

Divindade Excelsa e Protectora, que diriges os destinos de todos! Supremo Bem, que as almas aquietas, envia-nos do Alto o teu influxo divino para sabermos conduzir-nos ao porto desejado.

Eu te bemdigo por me propiciares esta viagem que faço nos oceanos largos da Graça e nos mares bonançosos, á mercê do barco que velleja calmo pelas aguas tranquillas, ao clarão meigo e bemfeitor dessa estrella que nos illumina o caminho.

Sê bemdita, Excelsa Potestade, e não deixes de amparar-me com a protecção de tua Misericordia Suprema.

Permitte que não volte mais a lutar com as vagas, para não ser arremessado á praia, nem atirado contra os penedos; e concede que a minha estrella continue a desprender lá dos páranos azues do céos, em que estás, aquelle brilho refulgente e acariciador, que é bastante, para socegar os mares, concertar a rota, melhorar a viagem e acalentar o coração.

Abre-me o porto santo e aguarda-me com a tua presença a chegada que estou effectuando, barco sereno, vellas pontadas, ao sopro brando da viração vespertina, em busca do termo feliz.

Eu te rendo louvores desde que desponta o doirado crepusculo das madrugadas até que a melancolica Vesper, a consoladora dos afflictos, deixe cair, atravez das nuvens do occaso, os frouxos raios de sua luz empallidecida, merencoria e meigamente triste e carinhosamente saudosa, para que, ao soprar da leve viração siga o meu barco a boiar nas aguas mansas dos mares, ao brilho suave dessa estrella, que fazes brilhar sobre os que em ti confiam.

E tu aquietas as ondas que ameaçam; calmas as aguas e os ventos; dás as bonanças; por isso, nada deve haver mais consolador do que a certeza de estar o barco a vellejar em mares calmos.

Eu te bemdigo, pois, e rendo muitas graças, porque tu criaste a estrella tutelar, a viração branda e os mares bonançosos...

....

LINDOLPHO DE ASSIS.

Reparem : Si por acaso,
Alguem fala do incapaz
Diz sempre, com pouco caso :
—«Coitado!... Elle é bom rapaz !...»

Senhorita CASTORINA PINHEIRO

Notas Mundanas

ANNIVERSARIOS

A senhorita Eldina Barboza faz annos a 6 do corrente.

— Passa a 8 do corrente a data natalicia da Exma. Sra. Sara de Saint Brison, distincta poetisa e escriptora, que com tanta proficiencia dirige o Jardim da Infancia de Botafogo.

— Completa no proximo dia 30 do corrente o seu 15· anniversario natalicio, a distincta senhorita Nair de Almeida Costa, residente em Bomsucesso. Por esse motivo, receberá certamente de suas amiguinhas innumeras felicitações.

— Fez annos a 28 do mez proximo passado, a graciosa menina Mariquinhas, filha do Dr. Antonio Ribeiro Pacheco d'Avila, juiz de Direito aposentado, residente em Caratinga.

— A 2 de Julho transcorreu o anniversario da graciosa senhorita Antonietta Fernandes, intelligente normalista e filha do Coronel Antonio Fernandes, capitalista no municipio de Caratinga, Estado de Minas.

A senhorita Antonietta, a par dos dotes de coração é possuidorr de um solido preparo intellectual.

— Completará no dia 19 de Julho mais um anno de preciosa existencia a graciosa senhorita Paula Cunha, residente em Paracamby, E. do Rio.

— A graciosa menina Irene Gomes completará no dia 7 do corrente, mais uma risonha primavera.

CASAMENTOS

Consorciaram-se no dia 24 de Junho o Sr. Leopoldo Fernandes com a gentil senhorita Marietta Bengardino.

BAPTISADOS

Realizou-se a 24 do p. p. na Matriz de Realengo o baptisado da interessante filhinha do Sr. Americo da Silva Santos e de D. Claudina R. dos Santos.

Foram padrinhos o Sr. Florencio A. de Lima e sua senhora D. Leopoldina R. de Lima. Na pittoresca vivenda dos padrinhos, situada na Fazenda do Monte Alegre, em homenagem ao solemne acto, houve grandes festejos que se prolongaram até alta madrugada.

Entre as pessoas presentes notamos: Sr. Florencio A. de Lima e familia, Dr. Aristides Caire e familia, Capitão Emiliano Martinho de Oliveira e familia, Tenente Teixeira e familia, João de Lima e familia, Pedro R. Nogueira e familia, Ricardo A. dos Santos e familia, Clementino Pereira e familia, Mme. L. Carollo. Mme. Cardelina Botelho, Americo dos Santos e familia, Carlos Raspão, Jardelino Carollo, João dos Santos, Manoel S. de Oliveira, Manoel M. de Oliveira, Perminio de Oliveira, Domingos Marciano e Olympio de Azevedo. Senhoritas: Almerinda Carollo, Eponina Costa, Renê M. de Oliveira, Dionisia S. Nogueira, Edméa Nogueira, Maria Nogueira, Djanira S. Nogueira, Sebastiana Nogueira, Nancy Caire Faria e outras.

A distincta «Caravana Jacarepaguáense» composta dos professores Luiz dos Passos, Raul Azevedo, Adalto Necy, M. Odorico Mendes, Antonio Barboza, Julio Chaves, Mario Bombardino e C. Graz.

"Flores da Villa"

Consoladoras rosas, como vos encontro hoje resequidas!... Um anno! um seculo de amarguras!...

Foi em Abril, jámais olvidarei...

Succumbida sob uma nova dor que me vinha ferindo, eu pensava.

Em que?

A mente estava vasia, o peito ôco, cavernoso, porque o coração fôra arrancado, espesinhado e levado para onde jaz abandonado de todo.

A alma envolta no sudario da saudade, deluia-se no pranto angustiado da descrença. Mas eu pensava, pensava e muito!... num perjuro que devinisei fazendo delle o manancial da minha vida de martyr. Uma saudade acerrima, uma anciedade atrós, um desejo ardente de vel-o, de ouvil-o, assaltou-me ao sentido, fazendo estalar as fibras mais sensiveis do meu peito; não vacillei. Acompanhada da minha antiga confidente, parti.

As primeiras horas de pesquizas foram debalde; mas quando o desanimo de encontral-o se apossou de mim fazendo-me regressar, vejo surgir a seu adorado vulto, tal qual, a saudade retratara-me. Não envergava o traje da etiqueta, mas aquelle muito meu conhecido, que tão grato me foi ver.

Ah! ephemera ventura! Um anno decorrido sem que uma saudade me fosse enviada nas auzas da tarde; sem que a sua mente assaltasse nunca a idéa de ver-me; sem que a sua fecunda penna produsisse nada no sentido de amenisar o tedio do meu viver; sem que o seu coração de bronze tangesse uma só vez ao contacto de uma lembranca minha, da desventurada que na vida só teve um crime:—amal-o demais.

Nem mesmo os fragmentos do meu amor que por vezes lhe envio, têm reciprocidade!

Hoje, mais só do que nunca, ainda por um carinho sincero, penso no seu frio despreso e com o peito compungindo lagrimas a retina, pondero: nada mais quer de mim, causo-lhe horror... odeia-me, talvez..

Um dia baldo de affectos, pediu-me os enlevos dos meus carinhos leaes de irmã; dei-lhe mais: o meu amor puro, inquebrantavel! Hoje embevecido na sua felicidade, nem essa me offerece.

Máu que é!!...

Porque não deixou que proseguisse o meu caminho de eterna incomprehendida?

Infeliz destino o meu!

Apenas resta-me agora como recompensa do meu grande amor, estas flores fanadas, nascidas ao seu lado, crescidas ao calor vivificante dos seus olhares, afagadas pelo mesmo ambiente e que me fazem revel-o no seu todo austero, pouco communicativo, offerecer-m'as dizendo:—«Flores da Villa...» Symbolica offerta!...

Myrradas, ennegrecidas, desfolhadas hoje, salientam-se seus espinhos, como as garras aduncas de sua perfida ingratidão!

Oh! porque a parca não me arrebatou no acto de recebel-as?! Minh'alma teria alado as regiões ignotas aureolada com ellas, deixando-lhe como perdão a minha corôa de martyr.

25—4—915.

DORALICE.

::::::::

Suprema angustia

"Incidit in foveam quam fecit".

Á brisa n'um queixume brando e meigo, beijava docemente a solidão arida dos montes.

Entre os rochedos de uma cascata, alguem procurava occultar-se. Ouvira confundido com o murmurio da crystalina catadupa, um echo triste soluçando imbéle ao sabor da viração! — Guimars!... Guimars!...

— Vagueou o olhar em torno e nada mais divisou além da caudal que precedia o sitio onde se achava. — Quem assim o surprehendia n'uma paragem deserta, tão deserta como o seu lugubre coração! Ali onde fôra revelar ao rumorejar das aguas o seu eterno soffrimente, a sua magua sem fim, o seu arrependimento tardio!...

E attento, fascinado, silenciou pensativo espreitando n'um ephemero anciar a apparição de quem possuia aquella voz que tão fundo lhe tocára n'alma!...

E esperou!... Esperou sempre!... Esperou em vão!...

. . . .

Algemára em abandono no carcere do Desespero a mulher que outr'ora doidamente amára. Deixára-a ao abrigo do calix da Agonia! Quando deitára sobre a fronte d'ella o fatal olhar e despedindo-se escutára-lhe os ultimos e ternos soluços, vira pelas faces brancas, como um branco lyrio, deslisando as perolas de orvalho, da cruciante dôr, levando uma a uma as syllabas do seu nome!

. . . .

Como tudo que n'essa vida passa em aragem que rapidamente vôa, assim passára-lhe o amor na voragem de uma paixão, e erigindo-lhe o amago da reflexão, beijára-lhe a alma voluvel na vertigem de nova sensação!

Offuscado pelo scintillar ridente de outra estrella que no horizonte opalino das suas aspirações versateis lhe negára guia, teve por junça a sombrear-lhe o arroio das illusões desfeitas — o cipó inclemente do infernal Remorso!...

. . . .

E n'uma suprema angustia, lá ficou sosinho!... Esperando sempre!... Esperando em vão!...

SANTINHA (H. F. SERPA)

Impressão macabra

AO LUCIO LIMA

Em breve nada mais restará de ti: teu cerebro pujante — esse machinismo diabolico de onde arrancas tantas ideias, .cada qual mais absurda e exotica — ha-de, paralysado, semelhar-se uma laleira fria cujas brasas se tornaram cinza...

As imagens insinuantes, esbeltas, hellenicas das beldades que evocas e julgas veno delirio febril das tuas noites de insomnia, essas sombras mentirosas que cinges nos estos de tua volupia, em breve, mas vascas indomitas da nevoa estupida e fatal do teu derradeiro momento, serão substituidas por um bando macabro de figuras hediondas, lemures torvos, cousas extravagantes e lugubres que te cingirão saltando, gritando mephistophelicamente, no macabrismo voluptuoso de uma choréa infernal...

O sangue quente e sadio que te percorre as veias, corcoveando como um onagro em solitaria savana, em breve, estará congelado e, os teus musculos, as tuas fibras todos os orgams que constituem o teu corpo, entorpecidos pela eterna lethargia, servirão de alimento no funereo banquete que as larvas promoverão no fundo do sepulchro que te espera...

Teus olhos, essas lucidas saphiras que gyram mysteriosamente no engaste macio e polposo de tuas orbitas, em breve perderão toda luz todo encanto, nada mais verão; immotos, horrendamente abertos, levarão para o Nada, retratadas nas retinas baças e petrificadas, as imagens fascinantes das virgens que amaste, as paisagens ignotas que julgas ver nos arrobos, nos extases da tua idealisação de artista.

Emfim transposto o portico luctulento e glacial da Morte, em nada mais pensarás, não terás noção de mais nada; e, as Thrynés, as Julietas, as Saphas, as Aldas que amastes e amas com todas as forças de tua alma em breve te esquecerão...

Tudo estará acabado para ti.

Os crespusculos de ouro e purpurea do mez de Outubro, os campos floreos e odorificos, o alvacento e immaculado luar de Maio, tudo o que é a causa de tua admiração, de teu amor; tudo isso passará desapercebido aos teus sentidos sonegados de defunto...

Em breve nada mais restará de ti...

Tua intelligencia, teu orgulho, tudo quanto idealisavas, como tu, rolará, desfeito em atomos, nos vortices asphyxiantes da poeira...

A. CAIO.

::::::::

Ao Dr. Virgilio Domingues

O amor do homem é um poema complicado, cujo enredo é a hypocrisia.

PEROLA.

Magdalena, Eduardo e Maura, apanhadas pelo nosso photographo no Campo de Sant'Anna

MENDIGANDO

A ALGUEM

Da vida ao desamparo, quotidianamente, ella percorre logo cêdo, as ruas da cidade, mão estendida, implorando commiseração para seus interminaveis soffrimentos, uma esmola generosa com que suavise as torturas da fome que a consome desde a vespera.

E a pobre velha andrajosa e faminta, no seu elcico, «uma esmolinha p'ra velha» segue o seu destino mizeravel e horrivel até ao anoitecer, que recolhe-se a sua mizera choupana.

Mas, muitas vezes sob aquellas esfarrapadas vestes, pulsa um coração mais bem formado que, embora mendigo, encontre outro que lhe estenda a mão humildemente e lhe implore o não que a pouco lapso de tempo recebera caridosamente, ella reparte amorosamente, o que talvez — oh certesa absoluta — não se daria com os de casaca e pergaminhos, que, ao meu ver são os maiores fragellos da humanidade...

ALFREDO GOULART ALVES.

Correspondencia

J. MELLO — Então o seu unico desejo consistia em ver todas as mulheres prezas numa cadeia ou accorrentadas num jardim publico ? Malvado ! Escute-nos tambem. O maior desejo dellas era que em vez de J fosse um K a sua primeira inicial, ou então vel-o nas proximidades da Praia Vermelha.

GABRIEL. «Meditando» — Continue a meditar e depois de muito reflectir mandenos cousa melhor.

A. LEMOS— Pode despresar a sua «Ella», mas, de modo que não sejamos nós o portador de sua raiva.

MARIA AZEVEDO — Os pensamentos que nos enviou podem estar bons, devido, porém, a pouca vontade com que foram escriptos, não podemos entender cousa alguma.

ALZIRA —«Neça» hora tambem sentimos bastante.

ACADEMICO DE MEDICINA — Sempre ao seu dispor.

LUIZ REIS — Com o maior prazer.

ZAILEMA — Querendo continunr só nos dará prazer,

FERNANDO FRANCESCHINE — O seu soneto «Duvida» está muito duvidoso.

ANINREP OLIVEIRA —Vemos no seu pensamento um gracejo e não temos tempo para brincadeiras...

MARIO MENDES (Campos) — Vamos publicar.

ADAMASTOR — Serve um, outro não.

EDUARDO FERNANDES MONTEIRO — Não recebemos, naturalmente é couza antiga e foi perdido pela antiga administração.

MARGARIDA — Recebemos seu amavel cartão. Assim o faremos, não ha duvida.

PEDRO ALENCAR — Junto a carta não veio o soneto.

::::::::

Lentamente a tarde vem cahindo...

Já se vão extinguindo os ultimos raios do Sol, e pelo espaço paira um vago mysterio envolto no perfume suave das florsinhas mimosas...

E' a hora do crepusculo; essa hora em que ha em tu o uma eterna poesia, que nos encanta e delicia a alma, forçando-nos a meditar. E' então que eu pensando em ti, julgo ouvir num echo de saudosa recordação e tua voz querida, e com o coração suavemente embalado pela Esperança docemente murmuro o teu nome.

IAMAR OLGA ADIR.

MODAS E MODELOS

Um vestido muito elegante, em taffetá

AVISO

A musica que hoje honra aa nossas paginas, da Sra. Ricardina de Carvalho, por um lamentavel engano sahiu truncada e por este motivo reproduziremos no proximo numero com as necessarias corrigendas.

Hontem...

Tudo é um passado na nossa vida. O momento presente é tão rapido que tudo o que se passa hoje, já amanhã torna-se... hontem !

O tempo não pára nunca, nunca ; as horas, quaes flôres que se desfolham, cáem no espaço do tempo, algumas parecendo interminaveis, outras, rapidas demais !

É a vida um perpetuo passado.

Nossas ideias tambem succedem-se tão ligeiras, nossas impressões passam tão depressa, que o que pensávamos ha pouco, ou o que sentiamos ainda agora já tornou-se... passado...

Fazemos tenção de uma cousa, realisámos um desejo, já está transformado n'um passado !

Foge-nos a vida, e deve ser suprema sabedoria nada desejar e de nada sentir saudades. Viver como o tempo : passando !

Passar na vida sem querer prender-se ao que passa... Deixar correr tudo como agua que vae para o rio, não querendo colhêr flôres ephemeras.

E no entanto, ha horas que desejariamos, fossem eternas, de tal maneira vividas, ha impressões que quizerámos sentir sempre !

Mas é uma triste verdade, tudo passa ! Aquellas horas, aquellas impressões, aquelles momentos, renovaram-se é certo, mas já são... passados !...

Temos forçosamente que evoluir, a vida nos obriga a isto.

Não podemos viver abraçados á uma ventura, amanhã ella já torna-se hontem !

E o tempo, este grande destruidor de tudo, faz-nos sentir a verdade cruel d'esta asserção, a loucura de querermos construir o nosso ninho em ramas tão flexiveis...

Sonhamos eternidades onde nada póde ser eterno !

É a força divina que nos obriga a aspirar á uma felicidade que não deve se acabar, é o germen de immortalidade que trazemos n'alma, que nos faz estender os braços, dizendo : Hoje ! Sempre !

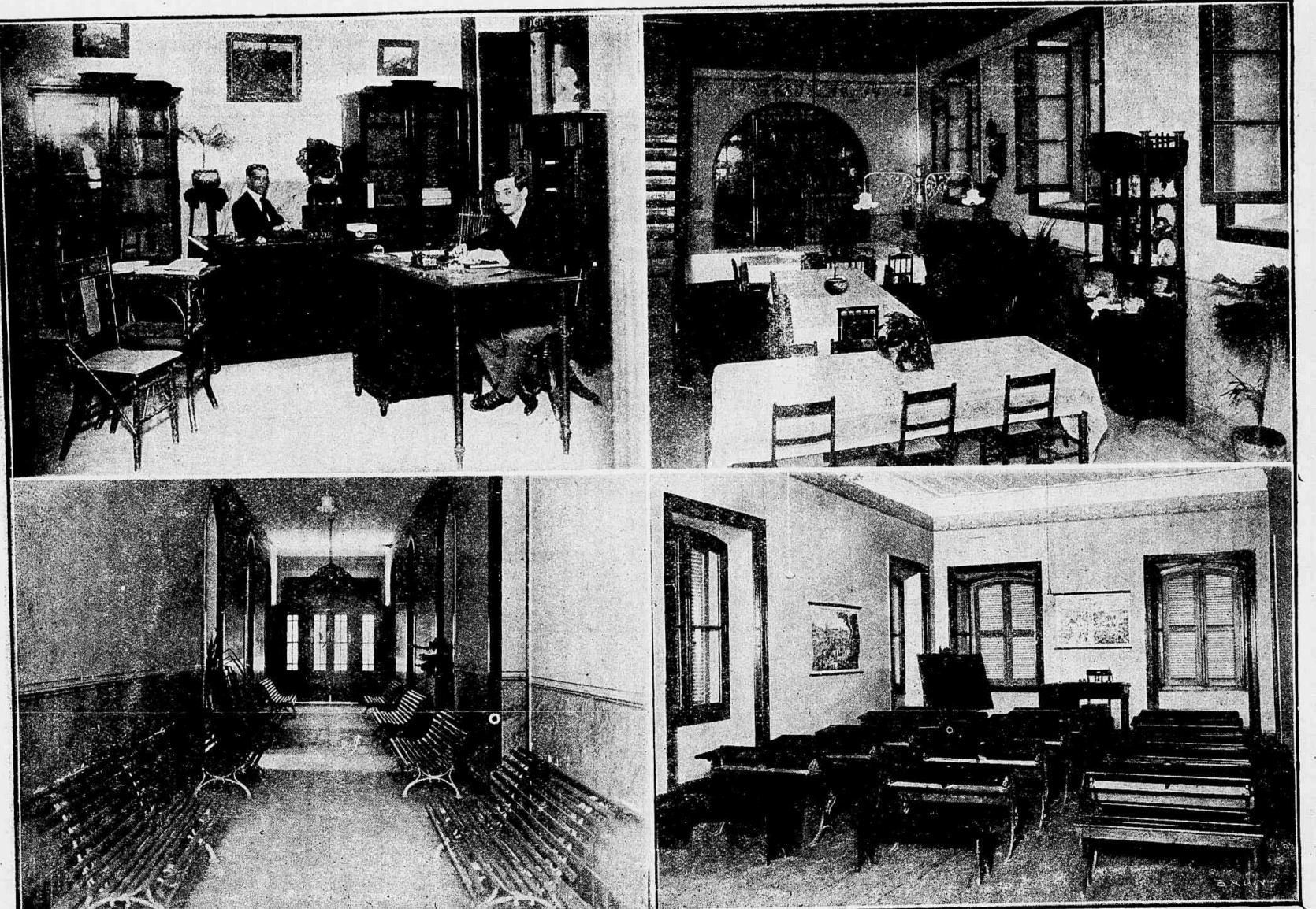
E o tempo passando diz : Hontem !... Jamais !

MARGARIDA

::::::::

Ai triste do que procura
Essa flor tão singular,
Que lhe não dará ventura
E o póde prejudicar.

* * *

Bondade, és a flor secreta
Do imaginario jardim
Que a phantasia de um poeta
Sonhou e deu vida enfim.

Instituto La-Fayette

O Instituto La-Fayette, creado por nomes de alta responsabilidade, contando no seu corpo docente nomes como os dos Drs. Miguel Calmon, Pinto da Rocha, Farias Britto, e outros, representa um bello melhoramento para a instrucção no Brasil.

Dividido em 3 secções — a primaria, a gymnasial e a commercial, está installado com todas as adaptações da pedagogia moderna á r. Haddock Lobo 419, conforme se vê das photographias. N. 1, Directoria; n. 2, Refeitorio; n. 3, Vestibulo; n. 4, Uma das salas de aula.

Sociaes

Dois aspectos da interessante festa realizada na casa do sr. Eduardo de Siqueira, á rua dos Araujos. Ao alto, a lauta meza servida aos presentes. Em baixo, as senhoras que tomaram parte na festa, todas aliás, leitoras e amiguinhas do «Jornal das Moças»

Notas Mundanas

Aspectos das solemnidades do enlace matrimonial do sr. José Storni com a senhorita Rosalina Provenzano. Foram padrinhos deste consorcio os srs. Octaviano Provenzano e a sra. Ancelina Provenzano

Teu retrato

Branca nuvem de setim,
Barreada de carmim,
Despontando em céo de anil,
Cercada de estrellas mil,
Que contem o firmamento.

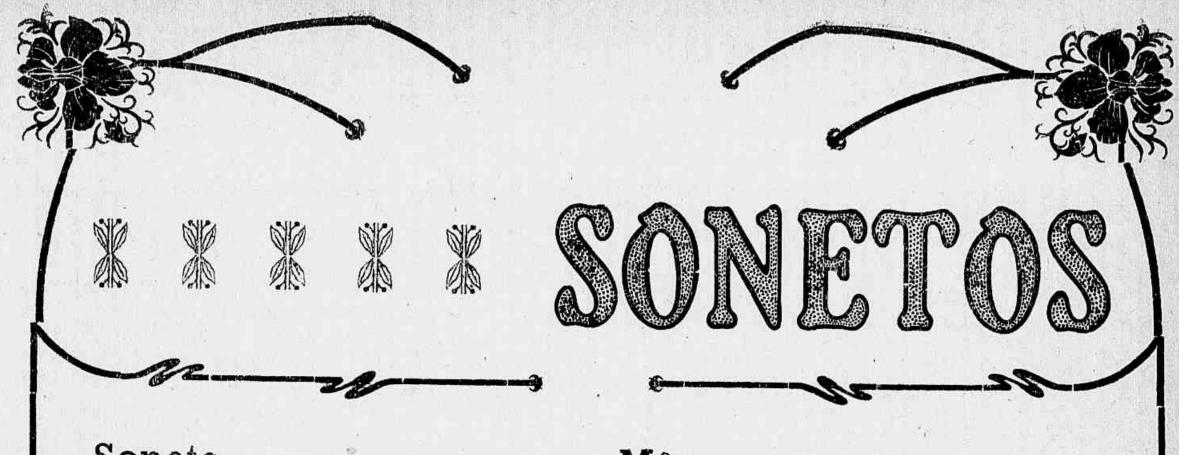
Em mez de Abril, lua clara,
De face de prata rara,
Que ao nascente vem luzindo,
E seus raios esparzindo
Ao meigo sopro do vento.

Garça de alva plumagem,
Que abre as azas a aragem
Da manhã ao alvorecer,
Esperando o sol nascer
Para voar docemente.

Estrella d'alva, que errante
No horizonte, irradiante
Mal aponta — vê-se o brilho,
Guiando a aurora no trilho
Que lhe marca o Omnipotente.

Mimoso botão de rosa,
Da roseira mais formosa
Que ha produzido a terra...
Que mil encantos encerra
E Flora beija e bemdiz.

Aurora que vem raiando
No horizonte, proclamando
De um Deus a Omnipotencia,
Que deu ás flores a essencia,
Ao prado o verde matiz.

LEOPOLDO DA FRANCA AMARAL

Soneto

Para Inah R. Pacheco

A aurora nasce a rir auri-brilhante,
Aerea, delirante e purpurina,
Formosa serpentina rutilante,
A rir pelo horisonte matutina.

Não penses no mysterio fulgurante,
Que rege ovante á placidez divina,
Não penses na ferina e soluçante,
Féra volante que se chama —sina.

Não penses mais no rabido mysterio,
Enorme, ethereo, do grande circuito,
Que o cosmos cerca e cerca o azul sidereo...

Daixa o mysterio que esse globo encerra,
Pois cá no mundo é conhecido ha muito,
Que o céo termina onde começa a terra !

ADAHYL FERREIRA DE ASSUMPÇÃO

Mâo...

A Jth. Santos

ESTA mão de setim, em minha mão com-
[primo
Na ancia de lhe calçar a luva do meu beijo,
E', talvez,o maior e o mais constante arrimo
Do supremo ideal onde o gôso antevejo.

Rósea concha aromal que me alcandóra ao
[cimo
Da ventura, do Amor, do Sonho e do Desejo,
Eu, por ella, atravéz das idéas que exprimo,
Tenho o culto do Bom, do Summo Bem que
[almejo.

Quando apérto,a sorrir, esta mão velludosa,
Sinto-a tremer, lembrando a rosa na roseira
Ao profano tocar de rude mão callosa.

Rosa fosse, no hastil ; — jardineiro, o meu
[Verso !
E eu teria na estrophe a essencia alviçareira
Do Amor— como um perfume entre as ri-
[mas disperso.

JULIO MERAL

Ultima verba

ERAS o ser que eu mais idolatrava,
Minha esperança, meu fanel, meu guia;
Estrella, cuja luz radiosa e flava
O céo do meu desejo esclarecia !

Eras o sol, o sol que transformava
A noite de meu ser em claro dia ;
O ardor vivificante dessa lava
que o vulcão de meu peito entumecia !

Hoje o sonho mudou-se em pesadelo :
Onde a luz existia, existe a treva,
Onde a lava existia, existe o gelo...

Não me vence, porém, o desalento ;
Sinto que meu amor ainda me eleva,
Votando-te ao completo esquecimento !

NAÏR SANTELMO

Meditando...

Ao presado amigo Albertino Bastos

HORAS que passo meditando além,
Com a expressão tão tetrica e hesitante...
De olhos erguidos para o sol que vem,
Na esbelta aurora em dia irradiante.

São horas tristes que meus dias tem,
Por que conservo meigo e palpitante
O coração que vive pelo bem,
De outro que a sorte faz estar distante !...

De noite ás vezes meditando a lua,
Os olhos volvo com melancolia,
Sentindo a palidez que a lua tem.

Que em noites claras, bella assim fluctua,
Fazendo em mim nascer a nostalgia,
Dos dias que feliz passei tambem.

JUVENAL DE AZEVEDO.

Secção da Felicidade

As Respostas de Mr. Edmond

NOEMIA AMARAL—As cartas aconselham ser menos modesta nas suas toilletes. Só assim se casará e será feliz, pois que seu futuro marido será admirador da facerice! Para que o amôr perdure é preciso que a mulher saiba mantel-o, creando sempre attitudes novas e meios de agradar a um bom esposo.

PEROLA ROSA— Vejo seu marido um homem claro e bom. Vejo que a consultante tem viajado muito. Seu marido é louco por animaes domesticos. Vejo a perca de um cão de estimação! Não se confie muito nas pessoas que se dizem suas amigas. Signaes bem evidentes de futuro sempre bom.

HORTENCIA LIMA — Dirija-se ao «Mirabelli» ou ao «Dr. Richards».

BRANCA ROSA— A sua idéa constante é o cazamento, não será realisado este anno nem tampouco em 1917. Procure o boliço da Capital da Republica para achar um marido como idealisa! Não acceite para baptisar uma criança do sexo feminino (sendo a primeira afilhada) pois é signal de azar em assumptos do coração.

ODETTE BRITO — Seu cazamento ainda demora; Vejo uma dama muita amiga lhe protegendo n'uma affeição de irmã. O seu futuro marido já a conhece? Elle tem alguma enfermidade séria? Veja se qualquer dessas hypotheses é provavel. Si fôr tome cuidade para não ficar viuva em pouco tempo.

MILOCA — Vejo que é nostalgica! Um amôr que já não vive! Vive á espera da realisação de um desejo como o selvagem espreita a hora da vingança! Vejo pouca saúde, deve fazer uzo dos banhos de mar Genio insofrêgo. Má vontade contra tudo que demora um pouco de tempo.

CAZADA — A sua pergunta só em meu consultorio poderá ser revelada partindo o baralho! E' uma consulta séria e pouco rasoavel para ser publicada. Não acha? E' melhor tel-a só para si. Vejo-a porem dotada de bons elementos de felicidade. E' bôa de coração e merece muito.

MALANIA ARAUJO—Vejo um grande roubo em sua casa! (uma gatunice das mais habeis). Um afastamento. Um rapaz louro virá a desprezal-a! Vejo que seu pensamento vacilla! Tome cuidado com creados e seja o mais discreta possivel.

IRACEMA SILVA—Soffrerá um grande logro de um apaixonado claro e louro, porem, disanimado na vida. Está cercada de pessoas pouco leaes. Procure um lugar mais alegre para que seu casamento seja em 1918. Vejo signaes de um marido afortunado.

CELINE — O orgulho humano deve estacar perante a majestade sombria da sepultura! (Moderar um pouco o orgulho). Vejo amores com um fazendeiro, (bom partido). Uma perfidia ao lado de um apaixonado que lhe está mentindo! As cartas estão confusas! Mas, trata-se de uma pessoa feliz.

MORENA—E' cêdo para ter confiança em reuniões de cartas.

DIDI F.—Quer uma reconciliação? Elle é máu. Virá de Setembro a Dezembro um joven claro e bom que merece a sua estima. Vejo variações de idéas, é bom consultar as cartas. Seja firme nos seus projectos.

PAQUERETTE — Vejo que a sua alma é sensivel, tambem soffre! Vejo que foi ingrato, foi máu o apaixonado a quem dedicava um mundo de amôr e uma eternidade de amor e uma eternidade de adoração! Vejo que seu futuro marido será encontrado n'uma festa que assistirá (festa popular).

OTHILIA—Vejo ausencia de alguem (afastamento). Vejo signaes de conquistar fortuna. Vejo um bom conselho que lhe será dado e as cartas aconselham aproveital-o. Virá a ter um outro que lhe trará prazer.

PIERRET ROSE —O soffrimento amanhece na aurora da sua mocidade!

A ingratidão de um rapaz que actualmente lhe namora; depois um «novo conhecimento» virá suavisar os dias tristes do passado. Fará um bom cazamento.

RIAN PERRET—(Riachuelo) O silencio é de ouro...

Não quero faltar com a verdade nem tampouco com a franqueza.

ANNA LOPES—Vejo pouca sorte; muitas contrariedades: pequenos ganhos. Um rapaz moreno se aproximando de si, as cartas aconselham fugir d'elle!... Vejo ser necessario moderar o seu temperamento!... Uma entrevista, um rapaz de bôa familia em horas mortas lhe pregando um grande susto!...

DEOLINDA DE CARVALHO— Não se cazará com o «candidato» altual; muitos disabores, outro pretendente depois uma phase bôa! Vejo um rival. Vejo em 1918 um pedido de cazamento. Vejo depois filhos e futuro bom.

TETEIA (Ramos)—A sua idade é insufficiente para uma consulta.

MASYRIA—Vejo uma enfermidade! Não se cazará com militar. Vejo um rapaz (cazado) lhe fazendo olhos doces (deve tomar informações seguras dos pretendentes que apparecem)! A sua idade não merece uma

consulta sincera. Espere um pouco mais pela velhice...

LYRIO DOS PRADOS — Será avisada por uma bôa amiga que está sendo espionada por uma rival que quer tirar-lhe o lance. Vejo um bom futuro. Vejo um rapaz muito criança lhe querendo bem. Receberá um chamado urgente de pessoa da sua familia. Deverá ser mais sincera nas suas affeições.

LUIZA MARTINS— O tempo é rancoroso e acerbo inimigo dos verdadeiros amorosos! Elle corre veloz, ê preciso não chegar aos 30, si o apaixonado é empregado no commercio. Vejo cazamento! (Bom rapaz). Cuidar da saúde, pois vejo uma enfermidade morosa, embora sem importancia.

ADELAIDE M. FERREIRA OLIVEIRA—Parece-me que o «nome» influe no destino das criaturas, é a terceira que tendo o mesmo nome tem o mesmo desejo!

Não vejo signaes de viagens, Vejo doenças, alguma tristeza e um rapaz pauperimo mas honrado querendo pedil-a em cazamento. Nunca amou? E' preciso amar!

JUJÚ (R. Comprido)—Mlle. E' necessario o seu nome «proprio», «Madame Zizina» tambem não o exigio?! Para que as minhas consultas sejam iguaes é prudente partir o baralho.

ELEONOR DUSE — A senhorita é geniosa. Esteve ha um anno muito doente. Ainda não teve uma paixão seria mas está em vespera de tel-o. E' pretendida por um estudante muito temido. Nunca será independente.

GIZA D. S. —A senhorita é melancolica e dada á leitura de romances. Estes lhe farão grande mal ao espirito. Apezar disso, ainda será muito feliz, porem, é trabalhadora e boa. Casará com um homem idoso, mas que muito a amará.

PRIMINHA—Vejo grande inacção e pensamentos absurdos. Cuidado com a sua bolsa. Vejo que é uma alma vencida. Não me é possivel proseguir, para não augmentar a sua indolencia.

IDALIA MAGALHÃES RODRIGUES— A consultante assistirá uma tempestade horrivel, que aliaz, não lhe causará prejuizos, porque ella se desenrolará em sonho, Deve ser muito moderada para obter a sinceridade que deseja.

ZIZI—Vejo amores com um rapaz claro e loiro. Realisará o que deseja, porém com difficuldades e tendo muita prudencia. Seu marido será de genio affavel.

DÉA SANTOS — Vejo que revela grande intelligencia. Tem idéas tristes e desejos de vida claustral. Cá fóra tambem é um convento, existem penitencias que purificam a alma. E' difficil a reconciliação, mas não impossivel.

LIZOCA—A consultante é frequentemente reprovada, pela pratica de actos e pensamentos que desgostam pessoas de familia. Tem idéas extravagantes, mas, será feliz, apesar do seu modo de pensar.

NENE (TIJUCA)— Vacilla nos seus pensamentos; não tem firmeza. Melhorará depois de 1918. Perigam bens de herança, montepio ou qualquer rendimento que tem. Seja previdente. Os pretendentes actuaes, não servem.

CÊCEMA (V. Meirelles)— Um rapaz claro e loiro alimenta contra si um grande odio e planeja vingança, entretanto,será impedido de executal-a. Vejo luto proximo e em seguida felicidades.

ISOLINA OLIVEIRA — Tem pensamentos funebres. Pessoas de sua familia censuram fortemente o seu modo do pensar, alias com muita razão. Um estrangeiro que lhe acompanha, causa-lhe aborrecimento.

DEDETE—Opposição de familia e incertesa de sua parte, é o que vejo nas cartas Uma ligeira enfermidade para a consultante, sem importancia, entretanto. Por algum tempo lidará com pessoas enfermas. O seu candidato «vive sempre ao lado» de uma mulher, o que a consultante ignora e me comprehendera. Longas viagens depois de 1922.

CECILIA SILVA—Passou momentos felizes e tem uma saudade profunda da recordação que não lhe deixa um instante. Será muito feliz. Aproveite os conselhos que vae receber sob um proximo casamento.

HELENITTA — Vejo acautelar-se dos passeios maritimos! Vejo um perigo em aguas brasileiras! Vejo cazamento (bom) em 1919. Não corresponder-se com amigas falsas e invejosas! Procure não ter amigas. Vejo a só muito feliz.

YEDDA BRAGA—Não verá mais quem lhe roubou o coração (não creio que um mascarado tivesse tanto poder). Terá um rapaz do commercio bom que lhe fará feliz. Vejo ciumes, vejo pequenas questões, vejo que sua mãe fará muito bem não lhe deixando longe das vistas!

IDA--Deve afastar-se de um rapaz de qualidades pessimas. Vejo uma pequena enfermidade que guardará o leito 2 ou 3 dias. Uma mudança de casa para melhor e sentirá com a mudança a separação de uma bôa amiga,

ZULMIRA CELESTINA MONTEIRO — Gosta do jogo? (Pouca sorte). Vejo uma entre-

vista, cuidado com um augmento de familia (fóra do programma). As cartas fazem alvo a este ponto só.

MARIA AUGUSTA SILVA—Vejo um afastamento; lembre-se do antigo adagio, (que eu ame a quem me ama é o que me diz a razão que eu ame a quem me despreza é de loucos a pretenção !) Seja cautelosa e evite os máus pesadelos !

AMELIA SILVA — Dedicar os seus pensamentos a quem virá em caminho. (Novo conhecimento). Deseja mandar chamal-a ? Não deve se adiantar-. Terá breve um grande aborrecimento por troca de cartas com pessoa que tem uma justa desconfiança ! Talvez um nascimento não lhe cause tantas alegrias...

LILÁS — Realisará um desejo que nutre de longa data, mas é preciso não deixar de ser reflectida !

Um pedido de cazamento que lhe trará momentos de immenso prazer ! Não seja tão amiga de fazer visitas.

BELLINHA (G. Ribeiro)—Tem receios da morte ? Cuidar da saúde. Vejo que um rapaz dado a literatura está fazendo a consultante permanecer n'uma enganosa esperança ! Vejo idéas funebres; As cartas pouco fallam.

BELLINHA (Meyer)— Doze annos ! Como deseja uma consulta ? Espere 1919. A's creanças nada sabem das cartas.

NINITA G. (Meyer)— Deseja ver-se livre de uma mulher má e de reputação duvidosa. Não procure alimentar idéas absurdas. Não queira levar o desgosto na familia. Reflicta, e por si só, desvencilhe-se do que for máu.

MARIA DAS DÔRES—Vejo cazamento com rapaz claro e loiro de 22 á 26 annos. Vejo grandes signaes de dias felizes, vejo uma magnifica surpreza. Seu noivo não será bonito mas terá qualidades recommendaveis !

ALZIRA H. — Triste recordação á lembrança lhe occorre ! A primavera passa e depois volta, mas a mocidade não nos volta mais ! Vejo idéas confusas. Vejo rborrecimentos causados por uma menina.

EGLANTINE—Vejo um rapaz fardado claro e louro pretendendo desprezal-a. Vejo que fará reconciliação com uma moça bôe por desavenças de somenos importancia. Vejo que o cazamento não deixará proseguir na sua vocação !

OLGA P. (Solteira)—Afastar-se das casas dos embusteiros. A sua leviandade fará perder uma occasião ultra-favoravel ! Cazamento não terá até 1918. Um rapaz moreno de mais tentará enganar-lhe. Cuidado !

CAMELIA MALVA — Vejo que não conseguirá o que deseja, elle é interesseiro e aspira um cazamento rico; grande tristeza e a mais campleta solidão, vejo a morte de uma criança que estima em alto gráu. A paciencia é uma grande virtude, lembre-se della...

HEBE — Não tem desejos ? E' preciso economias, lembre-se do futuro, um pensamento que não posso dizer. Gosta de carinhos e afagos. Vejo lagrimas sentidas.

ANJO CARO— Terá contrariedades grandes com um professor estrangeiro. Vejo um official de Marinha lhe fazendo a côrte. O futuro lhe reserva surprezas pouco agradaveis.

MARIETA AUSTERLITZ—Vejo um bom cazamento, vejo que está proximo de ser realizado um dos seus desejos ! Um pedido que será negativo. Não veja n'elle signaes de fortuna, mas de bondade..

BELLA (V. Itauna)— Um logro, uma fuga sem motivo plausive ! Não creia nas palavras enganosas de amor ! Vejo um rapaz de bonet e pouco intelligente exigindo da consultante mais do que deve !

ZIZA (Pilares)—Vejo um roubo, cuidado com as portas. Não vejo cazamento com quem ama. (Vejo uma rival) vejo ciumes, vejo tambem idéas de suicidio. (Não prosiga, será negativo). Se insistir em mudar de idéas será muito feliz.

ISAURA (Larangeiras)—Pensamentos vagos ! Um rapaz de sentimentos máus tentará illudil-a com promessas de cazamento pois o mesmo é cazado. Não vejo signaes de viagens, é provavel que as cartas fallem melhor pessoalmente (partindo o baralho).

BRANCA-FLOR—Separação de um candidato que esteve de luto rigoroso. Vejo lutas no circulo domestico. Seu cazamento ainda tarda. Aconselho não escolher muito.

AO LUAR

A LOTINHA

Era uma dessas noites de luar.

Como que atirada por estranha força, uma pulverisação argentea se espalhava pela face polida do mar.

O eburneo manto de prata desdobrava-se immaculado e puro, envolvendo tudo numa diaphana alvinitencia.

Uma serenidade profunda, espalhava-se no ambiente, o leve murmurio da brisa, tinha uma suavidade terna, e o mar em seus rumorejos, parecia soluçar, todo banhado de luar.

Quanta poesia ! que divino encanto, tinha aquella magnifica noite...

As noites enluaradas, inspiram saudades e, em meu peito, começava a sentir as emoções desse delicado sentimento, concitadas pela doce quietude que reinava.

Sentia saudades, mas, ao mesmo tempo, considerava-me feliz.

Sim. Era feliz.

Porque feliz é aquelle que, dedicando uma affeição pura, encontra na pessoa que ama o doce e profundamente almejado acolhimento.

ARLINDA MARIZ GARCIA.

BILHETES POSTAES

AO DERMEVAL.

Esperança, quanta belleza encerra esta sublime virtude. Infeliz d'aquelles que a desconhecem. Que seria a vida sem a esperança? Certamente uma noite cheia de tormentos, sem luz, sem paz, e sem amor!

Uma entendida.

* * *

A' YOLANDA.

De todos os prazeres o mais original é o do amor, faz-nos soffrer, dilacera-nos o coração, mas nem por isto deixa de nos agradar de um modo excepcional.

Gentil KEAN.

* * *

A ESPERIDIÃO K. DE AZAMBUJA.

Esperança, balsamo suavissimo de ternura, que illumina as profundas trevas de minh'alma soffredora! Por ti suspira meu alanceado coração, na ancia de um desejo nunca realizado — o amor daquelle que amo.

Estatua da dôr.

* * *

A' MARIETTA.

Separados cruelmente por uma prolongada ausencia, guardo intacto e mais forte ainda, todo o amôr que te jurei.

Na esperança aguardo todo o meu futuro, crente que saberás comprir fielmente todas as tuas promessas de amôr.

ALBERTINO.

* * *

A' A...

Amar, sentir-se amado pela mulher que se dedica um amor casto, profundo e verdadeiro, é a cousa mais sublime que um coração cansado e póde encontrar no carcere da vida.

GARCIA.

* * *

«AO FAUSTO»

Quando a mulher ama, e é sinceramente correspondida, não ha olhar nem sorriso que a faça olvidar por um instante o perfil da pessoa amada.

X.

* * *

«Teu sorrir»

Quizera ser poetiza,
E muito talento ter;
Para poder queridinho
Teu sorriso descrever.

Quando ficas zangadinho,
Muito embora sem razão;
Tu sorris de tal maneira,
Que me fere o coração.

Quizera que meu sorrir,
Fosse em tudo igual ao teu,
Quizera ter a certeza
Se o teu sorrir é só meu.

RONOEL.

* * *

MOTE

Possuir-te, é ter n'a rosa
Mais mimosa de um jardim

GLOSA

Maria, se eu te dissesse
Que por seres tão formosa,
Tão bôa, tão amiguinha:
— Possuir-te é ter n'a rosa,
Eu juro como descrias
E rias até de mim.
Mas, pensa amiga, és a rosa
Mais mimosa de um «jardim».

MARIETA AUSTERLITZ.

* * *

AO JOAQUIM.

O meu coração é um cofre sagrado onde guardo com carinho e sinceridade os juramentos que te fiz no dia em que tive a felicidade de saber que me dedicavas um amôr puro e sincero.

AMANDA.

* * *

A minha amiguinha JULIETA.

Feliz somos nos quando encontramos no coração de uma amiguinha sincera, consolo para os nossos soffrimentos que é sempre o resultado de quem verdadeiramente ama.

AMANDA.

* * *

A' alguem.

O desprezo é a unica arma com que pretendo manejar quando algum dia surgir na minha frente o vulto negro de uma rival!

AMANDA.

* * *

Ao ?

Occultei, é verdade, por algum tempo o meu profundo amor, mas se não me amas, para que queres ouvir ainda uma vez a minha triste confissão?

ZAILENA.

* * *

AO RIVAL.

Não te amo! e, antes ser duramente franca, que docemente hypocrita.

RUTH.

* * *

«A toi mon cœur».

A saudade é o punhal que fere o coração que ama com vehemencia, e soffre com resignação.

. · .

Ao M. «

Esperança! sublime e adoravel companheira dos infelizes. E's sempre o meu conforto para este coração que vive soffrendo.

. · .

Ao jovem A. S. L.

Amar um ente a quem dedicamos um verdadeiro amor, embora não seja correspondida com o mesmo affecto, não devemos odial-o mas, sim despresal-o, porque o despreso é a setta mais pungente que fere estes corações que não sabem amar com sinceridade.

. · .

A' Senhorita ALICE DE M.

Um dia, movido pelo vil despeito, calumniei o teu nobre coração; e tu, sublime na vingança perdoastes, olvidando-me. Hoje, eu que outr'ora maguei profundamente a tua juvenil e sensivel alma, desprezado por ti, sou como o nauta em noite de tempestade luctando em vão com as procellosas ondas.

Assim, immerso nas densas trevas eu vivo allucinado, sem a luz bemdicta do teu puro e ardente olhar.

Esquecido.

. · .

A' irmazinha YAYA (BEATRIZ D'ALMEIDA). Parahyba do Norte.

Lembranças.

Acreditas, Yaya, que uma ausencia prolongada transforme um amor de irmão, esse affecto imaculado, inesplicavel?

Talvez... mas crê, maninha, que esses quasi trez annos que mediam entre a ultima vez que te vi, na despedida, e hoje, ao contrario de confundirem, cada vez tornam mais nitida a lembrança de ti.

Eras creança quando parti para aqui e hoje que já estás mocinha tenho, na minha imaginação, a figurinha esbelta gracil e sempre risonha da bôa e querida irmazinha.

Não é de admirar que
Esse tempo que a tudo modifica
E irremediavelmente transfigura
Jamais possa apagar, pois sempre fica
A lembrança de ti que sempre dura.

Yôyô

* * *

A' Senhorita P.

Si a vaidade nasce do amôr, o orgulho do despreso. Com a paixão a vaidade se acaba. Com o despreso se aniquilla o amôr.

* * *

A' normalista JULIETA.

Como o rochedo de Horeb que viu milhares de gerações succumbirem sedentas a seus pés e que só a vara magica de Moysés soube fazer lacrimar, assim, tambem só a tua magica meiguice soube desentranhar do meu coração o germem do amôr, ate então nelle adormecido.

ACADEMICO DE MEDICINA.

* * *

«A Deusa»

O amor verdadeiramente sincero só é accessivel, aquelles em cujo cerebro só podem florecer grandiosas idéas. Pois, sendo o coração o alvo deste sentimento elabórado pela intelligencia; jamais poderá elle tornar-se sensivel á sublimidade deste ideal, quando aquelle é invulneravel e portanto incapaz de recebel-o.

A' «ALGUEM».

* * *

A' ODILA DE ALMEIDA.

A indifferença da pessoa amada é a affronta mais cruel que pode receber um coração apaixonado.

M. F. P. C.

* * *

A' EDITH R.

Não ha nada mais sublime para quem ama do que a solidão.

MYOSOTES.

* * *

A Esperança é um astro que illumina a estrada da saudade.

A saudade não mata, porem sepulta o coração em vida.

C.

* * *

A' minha noiva A. A. SOUZA.

Por ti meu coração já esteve triste e quasi a morrer, porque julgava infiel o teu amor.

Hoje elle vive alegre, convencidissimo de que o amor que lhe consagraste é firme e leal.

O. S.

* * *

As flores são tão lindas que servem para tudo nesta vida! Umas são o emblema do amor, são cheias de prazeres, outras só vieram com a triste sorte de enfeitarem as sepulturas dos entes infelizes que só vieram ao mundo para soffrer. Até as flores tem o seu destino, assim e esta vida cheia de tristeza.

A. M. P.

* * *

AO TENENTE JOSÉ DE A. SANTOS.

Amizade, sentimento que juntamente com a sympathia forma uma corrente mysteriosa que liga nossas almas ao amôr!

Duvida, veneno que mata lentamente um coração que ama sem saber se é correspondido!

Indifferença, sentimento que fére cruelmente o nosso coração deixando-o abysmado na dôr e no desespero.

L'ORIGAN DE COTY.

* * *

«Ausencia» (A' NOEMIA).

Longe de ti, de ti ó minha amada
Sinto que vou morrer de desalento
Pois minh'alma tão triste e exilada
Não supporta jamais o soffrimento!

ANTONIO SILVA.

* * *

A' CLAUDIA.

Para o mal de uma saudade, só a certeza de uma outra saudade. E será essa outra sentida?

CLAUDIO.

* * *

A PIO.

Não, o amor não póde ser transformado em odio. A não ser que a pessoa, que julga haver tal transformação, desconheça este sublime sentimento.

ANIBUR.

* * *

A' IGNEZ DE MOURA.

O desprezo é a unica arma, com que os corações nobres, se defendem honradamente dos seres «baixos».

* * *

Ao ingrato RENATO VIANNA.

E's tão intelligente Renato!
Entretanto esqueceste, que não mui longe de ti, se definha aos poucos um coração infeliz.

SOFFREDORA.

* * *

A' amiguinha ZULMIRA PAIM.

Na tua opinião não havia de existir ciumes? Pois cara amiguinha, intelligente como és, devias comprehender que quando o amôr é puro e verdadeiro, forçosamente ha de existir o ciume.

DALILA COSTA.

* * *

Ao sportman D. MARCENIS.

Quando me darás o prazer de ver-te, novamente, no «America F. C.», ou defendendo o pavilhão do symphatico C. R. Icarahy?...

«LEQUE BRANCO».

* * *

Amor per F eito
Viol E ta
Ly R io
Crisa N themo
Cr A vo
Mag N olia
Sau D ade
R O sa

PIERROT RUBRO NEGRO.

* * *

Ao ALVARO P. DA LUZ.

Parti! Não creio que ficaste soffrendo. Ingrata não sou é porque dedicaste o teu coração a outra.

A rosa que me deste com a testemunha do teu falso juramento, está rececada, guardada nofundo do meu triste coração, como reliquia d'uma felicidade perdida!

MAGNOLIA.

* * *

«A' adorada amiga ANIBRAESO».

O teu nobilissimo coração é um relicario onde jás eternamente a amizade de tua leal amiguinha.

* * *

A gentil senhorita EDMÉA L. P.

Assim como o raio do Sol illumina a estrada em que trilhamos, a luz do teu olhar clarea o meu coração magoado.

OCTACILIO NUNES.

* * *

A LUCIA P. SERPA.

Em teus bellos olhos, verdes como o mar sereno, eu diviso a perola grandiosa e pura de tua sinceridade.

SANTUZA.

* * *

Quantas vezes, ajoelhada a teus pés, a cabeça aconchegada em teu peito robusto, fitando-te bem nos olhos, eu quero dizer-te todo encanto que teu olhar encerra... e quedo absorta, enebriada num enlevo santo... que mal me deixam murmurar baixinho.

Bendictos sejam teus olhos castanhos, oh! meu esposo amado!...

SANTUZA.

* * *

A ti...

O meo amor para comtigo, é tão sincero como o de Romeu para Julieta, mas és voluvel e bem sabes que a volubilidade offende aos corações que sabem amar com sinceridade.

MARIA.

* * *

A ti...

Ferido pela setta envenenada da hypocrisia, meu coração quasi succumbio; hoje porém um balsamo o alenta, a Esperança de encontrar um dia um coração sincero.

SALGADO DE MEDEIROS.

* * *

A' um jovem de Barra de Pirahy, E. J. F.

Eu nunca disse, que te amava... Nunca!
Essa duvida, em mim não mora,
Quando sorrindo me disias: Amo-te!
Eu sempre disse, o que te digo agora!

SITOSEMY.

* * *

AO PIO.

Quando amamos alguem com um amor puro e verdadeiro, por mais que sejamos offendidas, jamais poderemos odiar. E quem pensar ao contrario, desconhece o verdadeiro amor.

ALZIRA.

* * *

AO CARLINHOS.

Nada pode haver de mais doloroso na vida, do que a separação de um ente a quem consagramos verdadeiramente o nosso amor, sem vermos entreabirem-se seus labios para pronunciar um Adeus.

N. S.

* * *

A ti.

O recebimento d'aquella «lembrança», veio trazer um raio de luz á minh'alma que vivia immersa nas trevas de tua indifferença.

N. S.

NÃO FORAM PUBLICADOS OS DIAS: 7 A 12